

AS EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA APRESENTAM O 104º NÚMERO DA COLEÇÃO BANG!

Os MELHORES CONTOS de

HOWARD PHILLIPS

LOVECRAFT

ORGANIZAÇÃO DE

JOSÉ MANUEL
LOPES

TRADUÇÃO E NOTAS DE

JOÃO HENRIQUE
PINTO

VÍTOR MORTA

SUSANA CLARA

JOSÉ MANUEL
LOPES

MARTA OLIVEIRA



COMPOSIÇÃO: SAÍDA DE EMERGÊNCIA EM CARACTERES MINION PRO.

~~~ Impresso e acabado em segredo na: ~~~

**GUIDE - ARTES GRÁFICAS, LDA.**

PRIMEIRA EDIÇÃO: NO MÊS DE JUNHO DE 2010

ISBN: 978-989-637-233-0 Depósito legal n° 311103/10

COPYRIGHT DESTA EDIÇÃO: 2010 EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Edições Saída de Emergência é uma marca registada das Edições Fio da Navalha Lda.

Av. da República, 861, Bloco D, 1 Dtoº, 2775-274 Parede

VISITE-NOS PELA CALADA DA NOITE EM [WWW.SAIDAEEMERGENCIA.COM](http://WWW.SAIDAEEMERGENCIA.COM)





## : A PEQUENA GARRAFA DE VIDRO<sup>1</sup>:

«Alto! Está alguma coisa a flutuar a sotavento.»

Quem falou foi William Jones, um homem forte, de estatura baixa. Era o capitão de um pequeno veleiro de um só mastro, em que ele e um grupo de homens estavam a navegar, na altura que esta história começa.

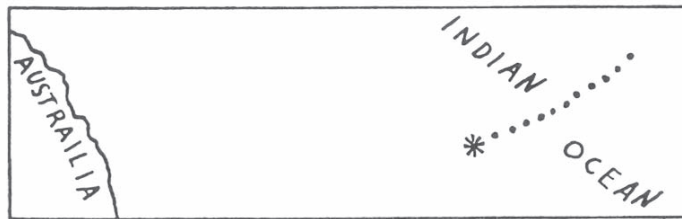
«Sim, meu capitão!» Respondeu John Towers, imobilizando o barco.

O Capitão Jones estendeu a mão na direcção de um objecto que ele agora discernia como sendo uma garrafa de vidro. «Não passa de uma garrafa de rum que os homens de algum barco que passava atiraram borda fora» disse ele. Mas devido a um impulso de curiosidade apanhou-a. Era uma garrafa de rum e estava prestes a mandá-la fora quando reparou que tinha dentro um pedaço de papel. Puxou-o para fora e leu o seguinte:

*1 de Janeiro de 1864*

*Sou John Jones, o escritor desta carta. O meu navio está a afundar-se rapidamente com um tesouro a bordo. Encontro-me no local assinalado\* pelo mapa que se segue...*

O Capitão Jones virou o pedaço de papel e, no outro lado, estava um mapa que nas margens tinha escritas as seguintes palavras:



As linhas pontilhadas representam a rota que tomámos

«Towers» disse o Cap. Jones extremamente excitado, «lê isto.»

Towers fez o que lhe fora pedido.

«Penso que valeria a pena lá ir» disse o Cap. Jones. «Não achas?»

«Tal como diz.» Respondeu Towers.

<sup>1</sup> De título original «The Little Glass Bottle», foi escrito em 1897.

«Fretaremos ainda hoje uma escuna» observou o capitão, entusiasmado.

«Pois bem» replicou Towers. Então fretaram um barco e partiram guiados pelas linhas pontilhadas do seu mapa. Em quatro semanas chegaram ao local assinalado, os escafandristas desceram e, quando subiram trouxeram uma garrafa de ferro, onde descobriram dentro um pedaço de papel de embrulho com as seguintes linhas rabiscadas:

*3 de Dezembro de 1880*

*Caro Explorador, perdoe-me a partida que preguei, mas é bem-feito que não encontre nada devido ao seu acto imprudente...*

«Bem» disse o Cap. Jones, «ainda continua...»

*No entanto irei cobrir as suas despesas desde e para o local onde encontrou a garrafa. Penso que será 25.000 dólares, pelo que encontrará essa quantia num baú de ferro. Eu sei onde encontrou a garrafa porque pus essa mesma garrafa e o baú de ferro aqui, e depois encontrei um bom lugar para colocar a segunda garrafa.*

*Termino esperando que o dinheiro encontrado cubra parte das suas despesas — Anónimo.*

«Gostava de lhe arrancar a cabeça a pontapé.» Disse o Cap. Jones. «Escafandrista, vai buscar os 25.000 dólares.»

Num minuto o mergulhador subiu, trazendo um baú de ferro, dentro do qual foram encontrados 25.000 dólares. Essa quantia cobriu as despesas deles, mas penso que dificilmente voltarão a ir até algum local misterioso indicado por uma garrafa misteriosa.

## : A GRUTA SECRETA OU A AVENTURA DE JOHN LEE<sup>2</sup> :

«Crianças» disse a Sra. Lee, «portem-se bem enquanto eu estiver fora. E não façam traquinices.» O Sr. e a Sr.<sup>a</sup> Lee iam estar fora o dia todo, e iriam deixar as duas crianças — John, de 10 anos, e Alice, de 2 anos — sozinhas. «Sim.» Respondeu John.

Mal os Lee mais velhos saíram, os Lee mais jovens desceram à cave e começaram a explorar entre o entulho. A pequena Alice encostou-se à parede observando John. Enquanto John construía um barco a partir de um objecto cilíndrico, a pequena deu um grito agudo quando a parede atrás de si se desmoronou. John apressou-se a ir ter com ela e levantou-a enquanto ela continuava a gritar ruidosamente. Assim que os seus gritos pararam ela disse: «A parede caiu.» John subiu e viu que havia uma passagem, então disse para a pequenita: «Vamos ver o que isto é.» «Sim». Disse ela. Entraram num local onde podiam estar de pé. A passagem estendia-se para além do que eles conseguiam ver, por isso John voltou a subir as escadas e foi à cozinha buscar duas velas e alguns fósforos. Voltaram depois a entrar, os dois, na passagem. Havia estuque nas paredes, no tecto e no chão. Apenas uma caixa, que servia como assento, era visível, no entanto examinaram-na para descobrir que estava vazia. Continuaram a andar e depressa a parede de estuque acabou, encontrando-se ambos agora numa gruta. A pequena Alice estava assustada de início, mas a garantia do seu irmão de que estava «tudo bem» tranquilizou-lhe os medos. Cedo chegaram a uma pequena caixa que John pegou e levou com ele. Pouco tempo depois chegaram a um *barco* que tinha dentro dois remos, o qual ele arrastou consigo, a custo. Um pouco mais à frente descobriram que a passagem acabava abruptamente. John afastou o obstáculo e, para seu horror a água entrou a jorros. John era um nadador exímio e aguentava bastante tempo sem respirar, como tinha acabado de inspirar tentou subir, mas com a caixa e a irmã não foi capaz. Foi então que avistou o barco a emergir e o agarrou. - - - - -

Quando deu por si, já se encontrava na superfície, agarrando fortemente o corpo da irmã e a caixa misteriosa. Não sabia como a água entrara, mas um novo perigo parecia ameaçá-los: se a água continuasse a subir, iria subir até ao topo. Surgiu-lhe, de repente, uma ideia: ele podia fechar a água. Fê-lo rapidamente, colocando o agora corpo sem vida da irmã no barco e

---

<sup>2</sup> Este conto foi escrito em 1898, com o título original de «The Secret Cave Or John Lees Adventure».

trepando depois ele próprio. Navegou pela pavorosa e sinistra passagem abaixo — totalmente escura —, com a sua vela a ser apagada pela enchente e um corpo jazendo perto. Ele nem sequer olhou em volta, em vez disso remou para salvar a sua vida. Quando, por fim, olhou para cima já se encontrava a flutuar na sua própria cave. Subiu rapidamente as escadas com o corpo para descobrir que os seus pais já estavam em casa. Contou-lhes a história.

\* \* \*

O funeral de Alice ocupou tanto tempo que John se esquecera da caixa mas, quando *finalmente* a abriram, descobriram que era um pedaço de *ouro maciço* que valia cerca de 10.000 dólares, o suficiente para pagar qualquer coisa excepto a morte da sua irmã.

FIM

**: O MISTÉRIO DO CEMITÉRIO  
OU «A VINGANÇA DE UM HOMEM MORTO»,  
UMA HISTÓRIA DE DETECTIVES<sup>3</sup> :**

**Capítulo I**

**O TÚMULO DE BURNS**

Era meio-dia na pequena aldeia de Mainville, e um desgostoso grupo de pessoas estava à volta do Túmulo de Burns. Joseph Burns estava morto (ao morrer, tinha dado as seguintes ordens estranhas: «Antes de colocarem o meu corpo no túmulo, deixem cair esta bola no chão, no local marcado por “A”»). Entregando então ao Pastor uma pequena bola dourada). As pessoas lamentaram profundamente a sua morte. Depois dos serviços fúnebres terem terminado, o Sr. Dobson (o Pastor) disse, «Meus amigos, vou agora satisfazer os últimos desejos do falecido.» Dizendo isso, desceu ao túmulo (para colocar a bola no local marcado por «A»). Pouco depois, o grupo começou a ficar impaciente, e passado um tempo o Sr. C. Green (o Advogado) desceu para investigar. Depressa voltou para cima com uma cara assustada e disse, «*O Sr. Dobson não está lá!*»

**Capítulo II**

**O MISTERIOSO SR. BELL**

Eram 3h10 da tarde quando a campainha da mansão dos Dobson tocou ruidosamente, e o criado ao ir à porta se deparou com um homem idoso, de cabelo preto e patilhas. Pediu para ver a Menina Dobson. Ao chegar à sua presença disse: «Menina Dobson, sei onde está o seu pai, e por 10,000 libras trá-lo-ei de volta. Chamo-me Sr. Bell.» «Sr. Bell, será que me podia dar licença por um momento?» pediu a Menina Dobson. «Certamente.» Respondeu ele. Voltando passado uns instantes ela disse: «Sr. Bell, eu percebo-o. Raptou o meu pai e agora quer um resgate.»

---

<sup>3</sup> Foi escrito em 1898, com o título original de «The Mystery Of The Grave-Yard or “A Dead Man’s Revenge”, A Detective Story».

### **Capítulo III**

#### NA ESQUADRA DA POLÍCIA

Eram 3h20 da tarde quando a campainha do telefone da esquadra da polícia do North End tocou furiosamente, e Gibson (o homem do telefone) perguntou o que se passava.

«Descobri que o meu pai desapareceu!» disse a voz de uma mulher. «Sou a Menina Dobson, e o meu pai foi raptado. Enviem King John!» King John era um famoso detective ocidental. Nesse exacto momento um homem entrou precipitadamente e gritou, «Oh! Desgraça! Venham ao cemitério!»

### **Capítulo IV**

#### A JANELA OESTE

Voltemos agora à mansão dos Dobson. O Sr. Bell ficou bastante surpreso pela franqueza da Menina Dobson, mas quando recuperou a fala disse: «Não o ponha dessa forma tão directa, Menina Dobson, pois eu...» Foi interrompido pela entrada de King John que, com um par de revólveres nas mãos, impediu qualquer saída pela porta. Mas, mais rápido que o pensamento, Bell precipitou-se para uma janela a oeste e saltou.

### **Capítulo V**

#### O SEGREDO DO TÚMULO

Voltemos agora à esquadra da polícia. Após o agitado visitante se ter acalmado um pouco, conseguiu contar melhor a sua história. Vira três homens no cemitério a gritar «Bell! Bell! Onde estás velhote!?!», agindo de forma muito suspeita. Então seguiu-os, e viu que *eles tinham entrado no túmulo do Sr. Burns!* Voltou a segui-los, e eles tocaram numa mola num ponto marcado «A» desaparecendo de seguida. «Gostava que King John estivesse aqui», disse Gibson, «Como se chama?», «John Spratt» respondeu o visitante.



## **Capítulo VI**

### A PERSEGUIÇÃO A BELL

Voltemos, de novo, à mansão dos Dobson. King John ficou totalmente confuso com o movimento súbito de Bell mas, quando recuperou da sua surpresa, a primeira coisa de que se lembrou foi de o perseguir. Assim sendo começou a perseguição ao raptor. Localizou-o na estação de comboios e descobriu, para sua consternação, que ele apanhara o comboio para Kent, uma grande cidade para sul onde, entre esta e Mainville, não existia telégrafo ou telefone. O comboio acabara de arrancar!

## **Capítulo VII**

### O CONDUTOR DE CAVALOS NEGRO

O comboio para Kent partia às 10h35, e cerca das 10h36 um homem cansado, agitado e poeirento\* correu para a sede das carruagens de aluguer e disse a um negro que se encontrava à porta: «Se me leverses a Kent em 15 minutos dou-te um dólar.», «Não vê como é que eu podi lá chegar» disse o negro, «nã tenh'um par dicente di cavalo e tenhe...», «Dois dólares!» gritou o viajante. «'Tá bém.» assentiu o condutor.

\*King John.

## **Capítulo VIII**

### A SURPRESA DE BELL

Eram 11 horas em Kent e todas as lojas estavam fechadas excepto uma. Era uma pequena loja, encardida e suja em West End. Situava-se entre o porto e a estação e comboios de Kent & Mainville. Na sala virada para a parte da frente, uma pessoa pobremente vestida de idade indefinida estava a conversar com uma mulher de meia-idade com cabelo grisalho. «Aceitei o trabalho Lindy» disse ele, «Bell chegará às 11h30 e a carruagem está pronta para o levar ao cais, onde partirá esta noite um navio para África.»

«Mas... e se King John aparecesse?» inquiriu «Lindy».

«Então seríamos apanhados e Bell poderia ser enforcado.» respondeu o homem.

Nesse momento, ouviu-se uma pancada na porta. «É você o Bell?»

perguntou Lindy. «Sim» foi a resposta. «Apanhei o comboio da 10h35 e King John ficou lá, por isso estamos bem.» Às 11h40 o grupo chegou ao desembarcadouro e viu um navio a agigantar-se na escuridão. Tinha pintado no casco *O Kehdive* «de África», e assim que estavam prestes a entrar a bordo um homem avançou na escuridão e disse, «John Bell, prendo-o, em nome da Rainha!»

Era King John.

## Capítulo IX

### O JULGAMENTO

O dia do julgamento chegara e uma multidão de pessoas tinha-se juntado à volta da pequena alameda (que servia de tribunal no Verão), para ouvir o julgamento de John Bell, acusado de rapto.

«Sr. Bell» perguntou o juiz, «qual é o segredo do túmulo de Burns?»

«Dir-lhe-ei isto» respondeu Bell, «se for ao túmulo e tocar num certo local marcado «A» descobrirá.»

«Agora, onde está o Sr. Dobson?» inquiriu o juiz. «Aqui!», disse uma voz por detrás deles. *E a figura do PRÓPRIO Sr. Dobson* aproximou-se da entrada.

«Como é que chegou aqui?» perguntaram em coro. «É uma longa história.» respondeu Dobson.

## Capítulo X

### A HISTÓRIA DE DOBSON

«Quando desci ao túmulo» contou Dobson, «estava tudo escuro, não conseguia ver nada, mas finalmente discerni a letra “A” impressa no chão branco de ónix. Deixei cair a bola sobre a letra, e, de imediato se abriu um alçapão, e de lá saltou um homem. Foi este homem aqui» disse ele (apontando para Bell, que estava a tremer no banco dos réus), «que me puxou para baixo, para um apartamento palaciano, brilhantemente iluminado onde vivi até hoje. Um dia um jovem precipitou-se por ali dentro e exclamou: «O segredo foi revelado!» e desapareceu. Ele não me viu. Certa vez, Bell deixou ficar aí a chave, e eu fiz a sua impressão em cera e o dia seguinte foi passado a limar chaves para ver se se encaixavam na fechadura. No dia a seguir a esse houve uma chave que serviu, e no dia seguinte (que é hoje) escapei.»

## **Capítulo XI**

### O MISTÉRIO REVELADO

«Por que é que o falecido J. Burns lhe pediu para colocar lá a bola? (no “A”?)» perguntou o juiz. «Para me meter em sarilhos» respondeu Dobson. «Ele e Francis Burns (seu irmão) há anos que conspiravam contra mim, e eu não sabia como me iriam atingir.» «Agarrem Francis Burns!» gritou o juiz.

## **Capítulo XII**

### CONCLUSÃO

Francis Burns e John Bells apanharam prisão perpétua. O Sr. Dobson foi cordialmente recebido pela sua filha que, por acaso, já se tornara a Sr.<sup>a</sup> King John. «Lindy» e o seu cúmplice foram enviados para Newgate por 30 dias, como adjuvantes e encobridores de uma fuga criminal.

O FIM

PREÇO: 25 CÊNTIMOS

## **: O NAVIO MISTERIOSO<sup>4</sup> :**

### **Capítulo 1**

Na Primavera de 1847, a pequena aldeia de Ruralville foi atirada para um estado de agitação pela chegada ao porto de um estranho veleiro de dois mastros. Não tinha bandeira e tudo nele suscitava suspeição. Não tinha nome. O nome do seu capitão era Manuel Ruello. No entanto, a excitação aumentou quando John Griggs desapareceu de sua casa, a 4 de Outubro. A 5 de Outubro, o veleiro já desaparecera.

### **Capítulo 2**

O veleiro, ao partir, foi abordado por uma fragata dos Estados Unidos, seguindo-se uma luta intensa. Quando acabou, faltava-lhe\* um homem, chamado Henry Jones.

\* (à fragata)

### **Capítulo 3**

O veleiro continuou na sua rota, em direcção a Madagáscar. À sua chegada os nativos fugiram em todas as direcções. Quando se juntaram do outro lado da ilha, um estava desaparecido. O seu nome era Dahabea.

### **Capítulo 4**

Por fim, foi decidido, que alguma coisa deveria ser feita. Foi oferecida uma recompensa de 5,000 libras pela captura de Manuel Ruello. Quando as notícias assustadoras chegaram, um veleiro sem nome foi destruído nas Florida Keys.

---

<sup>4</sup> Este conto foi escrito em 1902, com o título original «The Mysterious Ship».

## **Capítulo 5**

Foi enviado um navio para a Florida e o mistério foi resolvido. No rebuliço da luta lançariam um submarino e levariam o que queriam. Ali jazia, balançando tranquilamente nas águas do Atlântico, quando alguém anunciou: «John Brown desapareceu.» E John Brown, de facto, desaparecera.

## **Capítulo 6**

A descoberta do submarino, e o desaparecimento de John Brown causaram agitação redobrada entre as pessoas, quando foi feita uma nova descoberta. Ao transcrever esta descoberta é necessário referir um facto geográfico. Existe no Pólo Norte um continente vasto, composto de solo vulcânico, do qual uma porção está aberta a exploradores. Chamam-lhe «Terra de Ninguém».

## **Capítulo 7**

Na parte sudoeste, mais afastada da Terra de Ninguém, foi encontrado um rádio de transmissões, e vários outros sinais de habitação humana. Entraram de imediato e, aí jaziam, acorrentados ao chão Griggs, Johns e Dahabea. Ao chegarem a Londres separaram-se, indo Griggs para Ruralville, Johns para a fragata, e Dahabea para Madagáscar.

## **Capítulo 8**

Mas o mistério de John Brown continuava por resolver, pelo que mantiveram a vigilância apertada sobre o porto da Terra de Ninguém e, quando o submarino chegou e os piratas, um por um, encabeçados por Manuel Ruello, deixaram o navio foram recebidos por rajadas de tiros. Depois do combate Brown foi recuperado.

## **Capítulo 9**

Griggs foi recebido regiamente em Ruralville e foi dado um jantar em honra de Henry Johns, Dahabea foi proclamado Rei de Madagáscar, e Brown foi feito Capitão do seu navio.

O FIM

## : A CRIATURA NA CAVERNA<sup>5</sup> :

A conclusão apavorante que viera, gradualmente, a apoderar-se da minha mente confusa e relutante, era agora uma certeza horrível. Estava perdido, completa e irremediavelmente perdido, nas vastas e labirínticas reentrâncias da Caverna do Mamute. Por muitas voltas que desse, em qualquer direcção, os meus olhos cansados não eram capazes de avistar algum objecto que servisse de marco para me colocar no caminho de saída. A minha mente já deixara de acreditar que voltaria a contemplar a abençoada luz do dia, ou a percorrer as agradáveis colinas e vales do maravilhoso mundo exterior. A esperança partira. Contudo, instruído como era, devido a uma vida de estudo filosófico, retirei bastante satisfação da minha conduta desapaixonada, pois apesar de ter lido, frequentemente, sobre os frenesins loucos em que eram atiradas as vítimas em situações similares, não experimentei nenhum deles, mas em vez disso, fiquei calmo mal me apercebi ter perdido as minhas coordenadas.

O pensamento de que, provavelmente, vagueara para além dos limites máximos de uma busca normal, nem sequer por um momento, me fez perder a compostura. Se tivesse que morrer, pensei, então esta terrível mas majestosa caverna seria um sepulcro tão bem-vindo como qualquer outro cemitério de igreja poderia ser – uma concepção que transmitia mais tranquilidade do que desespero.

Estava certo de que morrer de fome seria o meu derradeiro destino. Sabia que alguns tinham enlouquecido sob circunstâncias semelhantes, mas senti não ser esse o meu fim. O meu desastre não foi resultado de falha alguma, excepto da minha, uma vez que, sem o guia saber, me separei do grupo normal de turistas e, vagueando por mais de uma hora por caminhos proibidos da caverna, vi-me incapaz de reconstituir os caminhos tortuosos que perseguira desde que abandonei os meus companheiros.

A minha tocha já começara a extinguir-se. Brevemente seria envolto pela total e quase palpável escuridão das entranhas da terra. Enquanto estava sob essa luz mínguante e instável, comecei a pensar, vagarosamente, acerca das circunstâncias exactas do meu fim próximo. Lembrei-me dos relatos que ouvira sobre a colónia de tuberculosos que, tomando residência nesta gruta gigantesca, à procura de saúde, do ar aparentemente salubre e

---

<sup>5</sup> Escrito a 21 de Abril de 1905, «The Beast In The Cave» – de seu título original –, foi publicado pela primeira vez na *The Vagrant*, Nº 7, (Junho de 1918).

puro do mundo subterrâneo, com a sua temperatura constante e uniforme, procurando sossego, encontrara em vez disso a morte, sob uma forma estranha e medonha. Eu vira as ruínas tristes dos seus tugúrios mal construídos, ao passar por elas com o resto do grupo, e questionei-me que influência sobrenatural exerceria uma longa estadia nessa caverna imensa e silenciosa sobre alguém tão saudável e vigoroso como eu. Agora, dissera para comigo de forma assustadora, a minha oportunidade de resolver essa questão chegara, desde que a necessidade de comida não me levasse rapidamente a partir desta vida.

Enquanto os últimos raios intermitentes da minha tocha se esbatiam na obscuridade, resolvi nada deixar ao acaso, não negligenciar nenhum meio de fuga possível. Então, reunindo todos os poderes que os meus pulmões tinham, lancei uma série de gritos bem alto, na esperança vã de atrair a atenção do guia através do meu clamor. No entanto, enquanto gritava, acreditava do fundo do meu coração que os meus gritos não serviram de nada e, que a minha voz aumentada e reflectida pelas inúmeras paredes escarpadas do labirinto negro à minha volta, seriam apenas ouvidos por mim.

Contudo, de repente, a minha atenção foi atraída com um susto ao imaginar ouvir o som de passos suaves que se aproximavam no chão pedregoso da caverna.

Será que conseguira a minha libertação tão cedo? Teriam sido todas as minhas apreensões em vão, e teria o guia notado a minha ausência injustificada do grupo, seguido o meu trajecto, para me procurar nesse labirinto calcário? Enquanto estes pensamentos felizes me irrompiam no cérebro, estive prestes a gritar de novo, para que me descobrissem ainda mais depressa quando, num instante, o meu deleite se transformou em horror enquanto escutava, pois o meu ouvido sempre aguçado, encontrava-se agora ainda mais acentuado devido ao silêncio completo da caverna, revelando à minha mente estupefacta o conhecimento inesperado e apavorante de que esses passos *não eram como os de qualquer homem mortal*. Na quietude sobrenatural dessa região subterrânea, o som das botas do guia seriam como uma série de golpes penetrantes e incisivos. Esses impactos, porém, eram suaves e furtivos, como as patas de algum felino. Além disso, quando escutava com atenção, parecia distinguir o som de *quatro pés*, em vez de *dois*.

Estava agora convencido de que, com os meus gritos, agitara e atraía algum animal selvagem, talvez um puma que acidentalmente se perdera dentro da caverna. Pensei que, talvez, o Todo-Poderoso escolhera para mim uma morte mais rápida e misericordiosa do que a da fome. No entanto, o meu instinto de autopreservação — nunca totalmente adormecido — despertou-me no peito e, apesar da fuga ao perigo iminente poder



poupar-me a um fim mais severo e demorado, decidi valorizar a minha vida o mais que me fosse possível. Por muito estranho que pareça, a minha mente não conseguira conceber nenhuma outra intenção, por parte do visitante, a não ser uma certa hostilidade. De acordo com isso, fiquei muito quieto, na esperança de que a criatura desconhecida, na ausência de um som que a guiasse, se perdesse, como eu me perdera, e assim me acabasse por ignorar. Mas essa esperança não estava destinada a acontecer, pois as estranhas passadas avançavam firmemente. O animal, evidentemente, sentiu o meu cheiro que, numa atmosfera tão absolutamente livre de todas as outras influências, como o era a dessa caverna, poderia sem dúvida, ser seguido a grande distância.

Vendo por isso que deveria estar prevenido para me defender contra um ataque misterioso e invisível no escuro, tacteei à minha volta em busca dos mais sólidos fragmentos de rocha que estivessem espalhados pelo chão da caverna ali perto, e agarrando um em cada mão, para uso imediato, esperei com resignação pelo resultado inevitável. Entretanto, o ruído hediondo das patas aproximava-se. Com certeza, a conduta da criatura era por de mais estranha. A maior parte do tempo, as passadas pareciam ser as de um quadrúpede, caminhando com uma *singular falta de sincronização* entre as patas de trás e as da frente, e no entanto, em intervalos regulares, imaginei que apenas duas patas estivessem envolvidas no processo de locomoção. Questionei-me sobre que espécie de animal me iria confrontar. Deveria ser, pensei eu, alguma criatura infeliz que pagara pela sua curiosidade, com um enclausuramento para toda a vida nas reentrâncias intermináveis da temível gruta, ao investigar uma das suas entradas. Sem dúvida, alimentara-se de peixes sem olhos, morcegos e ratos da caverna, tal como de alguns peixes normais trazidos pela enchente do Rio Green, que comunica de alguma maneira oculta com as águas da caverna. Eu ocupara a minha terrível vigília com conjecturas grotescas sobre que alteração a vida na caverna poderia ter tido sobre a estrutura física da criatura, recordando as aparências horríveis atribuídas pela tradição local aos tuberculosos que tinham morrido após uma longa residência na caverna. Então, lembrei-me com um susto que, mesmo que conseguisse derrotar o meu adversário, nunca conseguiria contemplar a sua forma, uma vez que a minha tocha há muito se extinguiu e eu estava totalmente desprovido de fósforos. A tensão no meu cérebro tornara-se agora assustadora. A minha imaginação desordenada conjurou formas hediondas e temíveis a partir da escuridão sinistra que me rodeava e que, de facto, parecia pressionar-se contra o meu corpo. Cada vez mais perto, as horríveis passadas se aproximavam. Parecia que eu deveria emitir um grito perfurante, e no entanto fora suficientemente irresoluto para tentar tal coisa, pois a minha voz mal o poderia ter feito. Estava petrificado,

enraizado ao local. Duvidei se o meu braço direito me iria permitir, quando chegasse o momento crucial, arremessar alguma pedra à coisa que se aproximava. Agora o som firme dos passos estava próximo, muito próximo. Eu conseguia ouvir a respiração pesada do animal e, cheio de terror como estava, apercebi-me de que este deveria ter vindo de uma distância considerável estando, por isso, fatigado. De repente o feitiço quebrou-se. A minha mão direita, guiada pelo meu sentido de audição sempre fiável, atirou com toda a força o pedaço afiado de calcário que eu segurava, na direcção do ponto na escuridão de onde emanava a respiração e o ruído dos passos e, maravilhado, constatei que quase atingira o seu objectivo, pois ouvi a coisa saltar, aterrando a uma certa distância onde pareceu parar.

Tendo reajustado a minha pontaria, atirei o segundo projectil, dessa vez, de forma mais eficaz, pois, com uma torrente de alegria, ouvi a criatura cair com o que me soou ser um colapso completo após o qual, evidentemente, continuara estendida e imóvel. Quase sobrepujado pelo grande alívio que me invadiu, cambaleei contra a parede. A respiração continuava ofegante e profunda, de onde me apercebi que não tinha feito mais do que ferir a criatura. E agora todo o desejo de a examinar tinha cessado. Por fim, algo aliado ao infundado medo supersticioso entrara no meu cérebro, pelo que não me aproximei do corpo, nem continuei a lançar-lhe pedras de forma a extinguir a sua vida. Em vez disso, corri a toda a velocidade no que fora, tanto quanto pude calcular na minha condição frenética, a direcção de onde eu viera. De repente ouvi um som, ou antes, uma sucessão de sons regulares. Noutro instante distinguiram-se numa série de cliques afiados e metálicos. Dessa vez não havia dúvidas. Era o guia. E então gritei, clamei, berrei, até bradei de alegria ao contemplar nos arcos abobadados por cima do cintilar pálido e fraco que conhecia a luz reflectida de uma tocha que se aproximava. Corri ao encontro da luz e, antes que pudesse perceber completamente o que acontecera, estava deitado no chão, aos pés do guia, abraçando as suas botas e falando rápida e desarticuladamente, apesar da minha reserva ostensiva, de uma forma bastante idiota e sem significado, despejando a minha história terrível, e ao mesmo tempo oprimindo o meu auditor com declarações de gratidão. Após um longo tempo, acordei para algo como a minha consciência normal. O guia notara a minha ausência quando da chegada do grupo à entrada da caverna, e procedera, com o seu sentido de direcção intuitivo, a uma busca meticulosa das passagens logo a seguir ao local onde me tinha falado pela última vez, descobrindo o meu paradeiro após uma busca de cerca de quatro horas.

Pela altura em que ele me contou isto, eu, encorajado pela sua tocha e pela sua companhia, comecei a reflectir sobre a estranha criatura que ferira a apenas uma curta distância dali, na escuridão. Sugeri que fossemos

averiguar, com a ajuda de lanternas, que tipo de entidade seria a minha vítima. Consequentemente, retrocedi, desta vez com uma coragem nascida do companheirismo, à cena da minha experiência terrível. Cedo avistámos um objecto branco no chão, um objecto ainda mais branco que o próprio calcário brilhante. Avançando com cautela, demos azo a uma exclamação simultânea de espanto pois, de todos os monstros não naturais que qualquer um de nós contemplara em vida, este era sem dúvida o mais estranho. Parecia ser um macaco antropóide de grandes proporções, fugido talvez de alguma exposição itinerante de animais. O seu pêlo era branco como a neve, uma coisa devida, sem dúvida, à acção branqueadora de uma longa existência dentro das restrições negras da caverna, mas era também surpreendentemente ralo, tendo de facto, bastante pouco, excepto na cabeça, onde era de tal comprimento e abundância que lhe caía sobre os ombros em profusão considerável. A sua face não estava virada para nós, uma vez que a criatura jazia quase directamente sobre ela. A inclinação dos membros era bastante única, explicando contudo, a alternância no seu uso — que eu, anteriormente, notara como estranha, De facto essa criatura apoiava-se para se deslocar, ora em quatro ora em dois membros. Da ponta dos dedos dos pés ou das mãos, estendiam-se longas garras parecidas com as dos ratos. Os pés ou mãos não eram preênses, um facto que eu relacionei com a longa residência na caverna que, como mencionei anteriormente, se tornava evidente dada a brancura difusa e quase sobrenatural tão característica de toda a anatomia. Não parecia ter cauda.

A sua respiração tinha-se agora tornado muito débil, e o guia já empunhara a pistola com a clara intenção de terminar com a vida da criatura, quando um som súbito, emitido por esta última, fez com que a arma caísse sem ser usada. A natureza do som era difícil de descrever. Não era como o tom normal de qualquer espécie de símio conhecido, e questionei-me se essa qualidade sobrenatural não seria o resultado de um longo, continuado e completo silêncio, quebrado apenas pelas sensações produzidas pelo advento da luz, uma coisa que a criatura não vira desde que entrara na caverna. O som, que eu poderia tentar fracamente classificar como um tipo de conversa de tom profundo, continuava tenuemente.

De repente, um espasmo passageiro de energia pareceu passar pelo corpo da criatura. As patas entregaram-se a um movimento convulsivo, e os membros contraíram-se. Com um espasmo súbito, o corpo branco rebolou e o seu rosto ficou virado na nossa direcção. Por um momento, fiquei tão assolado de horror perante os olhos que nos tinham sido revelados que não reparei em mais nada. Eram pretos, esses olhos, de um negro azeviche profundo, em contraste hediondo com a pele e o cabelo branco como a neve. Como as de outros habitantes das cavernas, estavam bastante afundados

nas suas órbitas, e eram completamente destituídos de íris. Ao observá-los mais de perto, vi que estavam assentes numa face menos prógnata<sup>6</sup> do que a do macaco comum, e esse ser era infinitamente menos peludo. O nariz era bastante distinto. Enquanto fitávamos essa visão sinistra que se apresentava aos nossos olhos, os lábios grossos da criatura abriram-se e, deles, foram emitidos vários sons, após os quais essa coisa acabou finalmente por morrer.

O guia agarrou a manga do meu casaco e tremeu de forma tão violenta que a luz abanou intermitentemente, lançando estranhas sombras em movimento nas paredes.

Não fiz qualquer movimento, mas fiquei rigidamente parado, com os meus olhos horrorizados e fixos no chão à minha frente.

O medo desapareceu e, o espanto, pavor, compaixão e reverência ocuparam o seu lugar, pois os sons balbuciados pronunciados pela figura atacada, que jazia estendida na pedra calcária, disseram-nos a verdade assombrosa. A criatura que matei, a estranha besta da caverna desconhecida era, ou em certa altura fora, um **HOMEM!!!**

---

<sup>6</sup> Prógnata vem do grego «pró», para diante», mais «gnáthos» – maxila. Significa que tem o queixo inferior alongado para a frente.

## : O ALQUIMISTA<sup>7</sup> :

O velho castelo dos meus antepassados encontra-se bem alto, a coroar o cume verdejante de um arredondado monte cujos lados, perto do sopé, estão cheios de árvores retorcidas de uma floresta primordial. Durante séculos as suas ameias imponentes têm observado altivamente o campo selvagem e pedregoso à sua volta, servindo de habitação e fortaleza à orgulhosa Casa, cuja veneranda linhagem é mais antiga do que as próprias muralhas, cobertas de musgo, do castelo. Esses torreões, manchados por sucessivas tempestades e, a desmoronarem-se sob a vagarosa, mas constante, pressão do tempo, formavam, nos tempos do feudalismo, uma das mais formidáveis e temíveis fortalezas de toda a França. Das suas ameias elevadas e dos parapeitos equipados com seteiras, barões e condes, para não mencionar reis, tinham sido desafiados. No entanto, vez nenhuma o invasor conseguira pisar os seus grandes salões.

Mas, desde esses tempos gloriosos, tudo mudou. Uma pobreza pouco acima do nível de uma desesperada necessidade, juntamente com um orgulho no nome que proíbe a sua mitigação através da prática de uma vida comercial, não permitiram aos descendentes da nossa linhagem manter as propriedades em todo o seu esplendor, evitando, por fora, a caída das pedras dos muros, o crescimento em excesso da vegetação nos parques, o fosso seco e poeirento, os pátios mal pavimentados, e o ruir das torres; tal como, por dentro, os soalhos abaulados, os lambris comidos pelo caruncho, e as tapeçarias debotados — todos contam uma história triste de glórias perdidas. À medida que o tempo foi passando, dos quatro grandes torreões, três foram deixados cair em ruína, até que por fim, apenas um deles alojava os reduzidos e tristes descendentes dos outrora poderosos senhores da terra.

Foi num desses aposentos, vastos e sombrios, dessa última torre que eu, Antoine, último dos infelizes e amaldiçoados Condes de C —, vi pela primeira vez a luz do dia, há noventa longos anos. Os primeiros anos da minha vida conturbada foram passados dentro desses muros, por entre as florestas negras e sombrias, e nas ravinas selvagens e grutas da encosta mais abaixo. Nunca conheci os meus pais. O meu pai tinha sido morto, um mês antes de eu nascer, com trinta e dois anos de idade, pela queda de uma pe-

---

<sup>7</sup> De título original «The Alchemist», foi escrito em 1908. Foi publicado, mais tarde, em 1916 no *The United Amateur*, Vol. 16, N<sup>o</sup> 4.

dra que, de alguma forma, se soltou de uma das ameias desertas do castelo. A minha mãe morreu ao dar-me à luz, o que fez com que a minha guarda e educação ficassem unicamente aos cuidados do último servo — um homem idoso, de confiança e de inteligência considerável, cujo nome lembro ser Pierre. Eu era filho único e a falta de companhia resultante desse facto era aumentada pelos estranhos cuidados exercidos pelo meu guardião envelhecido, ao afastar-me da companhia das crianças camponesas que moravam, espalhadas, pelas planícies que rodeavam o sopé da colina. Nessa altura Pierre disse-me que essa restrição me era imposta devido ao meu nascimento nobre me colocar acima de qualquer associação com tais companhias plebeias. Agora sei que o seu objectivo real era não me deixar ouvir os boatos sobre a temível maldição da nossa linhagem que eram contados de noite, e exagerados, pelos arrendatários simples, enquanto falavam em voz baixa, à luz das suas lareiras no interior de cabanas de colmo.

Assim isolado, e abandonado aos meus recursos, passei as horas da infância a estudar os volumes antigos que enchiam a biblioteca sombria do castelo, e a vaguear sem rumo ou objectivo pelo perpétuo poeira dos bosques espectral que se encontra no lado da colina, perto do seu sopé. Foi, talvez, o efeito do ambiente circundante que fez com que a minha mente cedo adquirisse uma sombra de melancolia. Esses estudos e as coisas a que me dedicava, de uma natureza sombria e oculta, acabaram por atrair fortemente a minha atenção.

Era-me permitido aprender muito pouco sobre a minha própria raça e, no entanto, o pouco conhecimento que fui capaz de obter, pareceu deprimir-me imensamente. De início, talvez fosse a manifesta relutância do meu velho professor em falar comigo, acerca da minha descendência paternal, que deu origem ao terror que sempre senti ao mencionar a minha grande Casa. Porém, enquanto crescia, fui capaz de juntar fragmentos desconexos de conversas — deixadas escapar involuntariamente por uma língua que já começara a balbuciar com a aproximação da senilidade —, que tinham uma espécie de relação com uma certa circunstância que sempre me pareceu estranha mas que, nessa altura, se me tornava vagamente terrível. A circunstância à qual aludo é, a tenra idade em que todos os Condes da minha linhagem encontraram o seu fim. Enquanto até aí, considerava isso apenas um atributo natural de uma família com homens de vidas curtas, depois pensei bastante sobre essas mortes prematuras, e comecei a ligá-las às divagações do velho Pierre, que muitas vezes falava de uma maldição que, durante séculos não permitiu que os detentores do meu título passassem muito para além dos trinta e dois anos de idade. No meu vigésimo primeiro aniversário, o idoso Pierre deu-me um documento de família, o qual me disse ter sido passado, através de muitas gerações, de

pai para filho, e continuado por cada detentor desse mesmo documento. O seu conteúdo era de natureza bastante alarmante, e a sua leitura cuidadosa confirmou a mais grave das minhas apreensões. Nessa altura a minha crença no sobrenatural era firme e estava bem enraizada, caso contrário, teria rejeitado com desdém a narrativa incrível que se desvelou perante os meus olhos.

O documento transportou-me até ao século XIII, quando o velho castelo onde me encontrava era uma fortaleza temida e inexpugnável. Falava de um certo homem muito idoso, que habitara outrora nas nossas propriedades, uma pessoa importante, mas pouco mais que um camponês, de seu nome Michel, normalmente chamado pelo apelido de Mauvais, ou seja, o Maligno, devido à sua reputação sinistra. Ele tinha estudado mais do que era costume para a sua classe, procurando coisas como a Pedra Filosofal ou o Elixir da Vida Eterna, e tinha a reputação de conhecer os terríveis segredos da magia negra e da alquimia. Michel Mauvais tinha um filho, Charles, um jovem tão proficiente como ele nas artes secretas e que, por isso, fora chamado de Feiticeiro, ou de Mago. Toda a gente honesta evitava esse par, que era suspeito das práticas mais horrendas. Dizia-se que o velho Michel tinha sacrificado a mulher ao Diabo, queimando-a viva e, estes dois foram responsabilizados pelo inexplicável desaparecimento de muitos filhos de camponeses. Não obstante, apesar das naturezas negras do pai e do filho, estes ainda tinham um raio redentor de humanidade: o velho homem mau amava o seu rebento com uma intensidade feroz, enquanto o jovem tinha uma afeição mais do que filial para com o seu progenitor.

Uma noite, o desaparecimento do jovem Godfrey, filho de Henri, o Conde, criou no castelo da encosta uma balbúrdia enorme. Um grupo de busca, encabeçado pelo frenético pai, invadiu a cabana dos feiticeiros e, uma vez lá, deparou-se com o velho Michel Mauvais ocupado, sobre um enorme caldeirão a ferver. Sem causa certa, na loucura desgovernada de fúria e desespero, o Conde deitou as mãos ao feiticeiro idoso, procedendo então ao seu aperto assassino. A vítima acabou por morrer. Entretanto, os servos, contentes, proclamavam a descoberta do jovem Godfrey num quarto distante e não utilizado do grande edifício, dizendo, tarde de mais, que o pobre Michel fora morto em vão. Quando o Conde e os seus associados se estavam a afastar da modesta residência do alquimista, a forma de Charles, o Feiticeiro, surgiu através das árvores. A conversa excitada dos criados que lá se encontravam disse-lhe o que tinha acontecido, no entanto, de início, não pareceu comovido com o destino do seu pai. Então, avançando devagar, indo ao encontro do Conde, pronunciou em voz entorpecida mas grave a maldição que veio, para sempre, assombrar a casa de C —.

*Que, da sua linhagem assassina,  
Idade igual à sua, nobre algum atinja!*

Disse ele, quando, saltando de repente para trás, para o bosque negro, retirando da sua túnica um frasco de líquido incolor que atirou à cara do assassino do seu pai, enquanto desaparecia por detrás da escura cortina da noite. O Conde morreu, sem proferir uma palavra, e foi enterrado no dia seguinte, tendo pouco mais do que trinta e dois anos. Não foi encontrado qualquer vestígio do assassino, apesar de implacáveis bandos de camponeses terem procurado os bosques e prados vizinhos que circundavam a planície.

Assim, o tempo e a falta de uma lembrança entorpeceram a memória da maldição nas mentes da família do falecido Conde, pelo que, quando Godfrey, a causa inocente de toda a tragédia, e agora dono do título, foi morto por uma seta enquanto caçava, aos trinta e dois anos de idade, não houve quaisquer pensamentos excepto os de pesar pela sua morte. Todavia, anos depois, o jovem Conde seguinte, de nome Robert, foi encontrado morto num campo próximo, sem causa aparente. Os camponeses disseram, em sussurros, que o seu senhor tinha passado recentemente do seu trigésimo segundo aniversário quando foi surpreendido por uma morte prematura. Louis, filho de Robert, foi encontrado afogado no fosso, com a mesma idade fatídica e, assim, durante séculos correu a crónica sinistra: Henri, Robert, Antoine e Amand foram roubados de vidas felizes e virtuosas quando tinham pouco menos que a idade do seu infeliz antepassado quando este fora assassinado.

Foi-me revelado, pelas palavras que li, que tinha apenas mais onze anos de existência. A minha vida à qual dava, previamente, pouco valor, tornava-se agora, cada dia, mais preciosa, à medida que me aprofundava cada vez mais fundo nos mistérios do mundo secreto da magia negra. Estava isolado, a ciência moderna não me causara qualquer impressão, e trabalhava como na Idade Média, tão concentrado na aquisição de aprendizagem demonológica e alquimista tal como o velho Michel e o jovem Charles. No entanto, por muito que lesse, de maneira alguma pude explicar a estranha maldição que se abatia sobre a minha linhagem. Em momentos raramente racionais chegava ao ponto de procurar uma explicação natural, atribuindo as mortes prematuras dos meus antepassados ao sinistro Charles, o Feiticeiro, e aos seus herdeiros. Contudo, tendo descoberto, após inquéritos cuidadosos, que não eram conhecidos quaisquer descendentes do alquimista, voltava aos estudos do oculto e, mais uma vez, me esforçava por encontrar um feitiço que libertasse a minha casa do seu fardo terrível. Numa coisa eu estava determinado. Nunca iria casar, pois uma



vez que não existia nenhum ramo da minha família, poderia assim acabar, comigo, a maldição.

Quando tinha cerca de trinta anos, o velho Pierre foi chamado para a terra do além. Sozinho, enterrei-o debaixo das pedras do pátio onde, em vida, ele adorara passear. Fui assim deixado a pensar em mim. Como sendo a única criatura humana dentro da grande fortaleza e, na minha completa solidão, a minha mente começou a cessar o seu protesto vão contra a maldição iminente, para quase se conformar com o destino que tantos dos meus antepassados tinham tido. Muito do meu tempo era, agora, ocupado na exploração dos salões e torres abandonados e em ruínas do velho castelo, que o medo juvenil me fizera evitar, alguns dos quais não eram pisados por pés humanos, segundo o que me dissera Pierre, há mais de quatro séculos. Muitos dos objectos que encontrei eram estranhos e impressionantes. Vi mobília coberta por pó de séculos, a desmoronar-se com a podridão de uma persistente humidade. Por toda a parte havia teias de aranha, em abundância tal como eu nunca tinha visto e, grandes morcegos batiam as asas esqueléticas e sinistras por todos os lados dessa penumbra vazia.

Mantive um registo cuidadoso da minha idade exacta, indo mesmo ao pormenor dos dias e das horas pois, cada movimento do pêndulo do enorme relógio na biblioteca me recordava da minha existência amaldiçoada. Por fim, atingi a idade que há tanto tempo esperava com apreensão. Uma vez que, a maior parte dos meus antepassados foram atacados pouco antes de atingirem a idade exacta que tinha o Conde Henri quando morreu, eu estava sempre à espreita da chegada da morte desconhecida. Não sabia sob que forma estranha a maldição me surpreenderia, mas estava decidido, pelo menos, a não ser uma vítima nem passiva, nem cobarde. Apliquei-me, por isso, com vigor renovado, ao exame do velho castelo e do seu conteúdo.

Foi numa das mais longas das minhas incursões, na parte deserta do castelo, a menos de uma semana daquela hora fatal — que senti ter de marcar o limite máximo da minha estadia na terra, para além da qual não poderia ter a mínima esperança de continuar a respirar —, que eu cheguei ao evento culminante de toda a minha vida. Tinha passado a maior parte da manhã a subir e a descer escadas meio arruinadas num dos torreões mais delapidados. À medida que a tarde foi avançando, vasculhei os andares inferiores, descendo para o que me parecia ser, ou uma prisão medieval, ou um armazém mais recente, escavado para guardar pólvora. Enquanto ia atravessando devagar a passagem incrustada de salitre, na base da última escadaria, o pavimento ia-se tornando muito húmido, e cedo vi, com a luz da minha tocha tremeluzente, que uma parede branca, manchada pela água, impedia a continuação do meu trajecto. Voltando-me para sair por onde viera, vi um pequeno alçapão com uma argola, que estava mesmo

debaixo do meu pé. Parando, consegui, com dificuldade levantá-lo. Foi-me então revelada uma abertura negra, que exalava gases venenosos que fizeram com que a minha tocha crepitasse e, revelasse com o seu brilho instável, o topo de umas escadas de pedra.

Comecei a minha descida mal a tocha, que baixei para as profundezas repelentes, começou a arder livremente e de forma regular. Os degraus eram muitos e levavam a uma estreita passagem feita de pedra que eu sabia ser bastante abaixo da superfície. Essa passagem provou ser bastante comprida e terminava numa maciça porta de carvalho, pingando com a humidade do local, que resistia vigorosamente a todas as minhas tentativas de a abrir. Após um certo tempo, cessei os meus esforços nesse sentido, e já tinha retrocedido uma certa distância na direcção das escadas quando se deu, na minha experiência, um dos choques mais profundos e enlouquecedores capazes de ser recebidos pela mente humana. Sem aviso, ouvi a porta pesada atrás de mim chiar, abrindo-se vagarosamente com as suas dobradiças ferrugentas. Seria incapaz de analisar as minhas sensações imediatas. Ser confrontado, num local tão completamente deserto, como eu julgava ser o velho castelo, com provas da presença de uma pessoa ou de um espírito, produziu no meu cérebro um horror da mais tensa descrição. Quando, por fim, me virei e encarei o local de onde provinha o som, os meus olhos deveriam ter saltado das órbitas perante o que contemplaram.

Aí, na entrada gótica, encontrava-se uma figura humana. Era a figura de um homem coberto com uma espécie de chapéu e uma túnica medieval comprida, de cor escura. O seu longo cabelo e a barba flutuante, além de abundantes, eram de um tom intenso e terrivelmente preto. A testa era de uma dimensão superior à normal, o rosto era bastante magro e fortemente marcado por rugas e, as mãos compridas, nodosas e parecidas com garras, eram de uma brancura mortal, semelhante ao mármore, que eu nunca antes vira. A sua figura, tão magra como um esqueleto, estava estranhamente curvada e quase perdida dentro das pregas volumosas da sua vestimenta peculiar. Mas, o mais estranho de tudo eram os seus olhos, grutas gémeas de escuridão abismal, profundos na expressão do entendimento, contudo inumanos, dado o seu grau de malvadez. Esses, estavam agora fixos em mim, trespassando a minha alma com o seu ódio, e paralisando-me no local onde eu me encontrava.

Por fim, a figura falou numa voz estrondosa que me arrepiou devido ao seu som cavo e malevolência latente. A linguagem que foi utilizada para fazer o discurso era uma forma degradada de latim, usada entre as pessoas mais cultas da Idade Média, e que eu conhecia devido às minhas pesquisas prolongadas sobre os trabalhos dos velhos alquimistas e demonólogos. A aparição falou sobre a maldição que pairava sobre a minha Casa, falou-me

do meu fim iminente, prolongou-se sobre a injustiça, perpetrada pelo meu antepassado, contra o velho Michel Mauvais, e gabou-se da vingança de Charles, o Feiticeiro. Contou como o jovem Charles escapara de noite, voltando anos depois para matar Godfrey, o herdeiro, com uma seta, quando este se aproximava da idade que o pai tinha quando fora assassinado; de como ele, secretamente, voltara à propriedade e se estabelecera, sem que ninguém o conhecesse, no aposento subterrâneo que, mesmo nessa altura, estava deserto, e que emoldurava agora a presença do horrendo narrador; como ele, num campo, tinha agarrado Robert, filho de Godfrey, o tinha forçado a tomar veneno e o deixara a morrer com trinta e dois anos, mantendo assim as vis disposições da sua terrível maldição. Nesse ponto, foi-me permitido imaginar a solução do maior mistério de todos — como tinha a maldição sido cumprida desde então, uma vez que, no normal decorrer da natureza, Charles, o Feiticeiro deveria ter morrido —, pois o homem deambulou num relato dos profundos estudos alquímicos dos dois magos, pai e filho, falando particularmente das pesquisas de Charles, o Feiticeiro relativas ao elixir que daria juventude e vida eterna a quem o tomasse.

O seu entusiasmo pareceu, nesse momento, retirar-lhe dos olhos terríveis a malevolência negra que de início tanto me atormentara, mas, de súbito, o olhar perverso voltou e, com um som chocante, como o sibilar de uma serpente, o estranho levantou um frasco de vidro, com a clara intenção de terminar a minha vida como tinha feito ao meu antepassado, Charles, o Feiticeiro, há já seiscentos anos. Impulsionado por algum instinto preservante de autodefesa, quebrei o feitiço que, até então, me mantinha imóvel e, atirei a minha tocha quase extinta à criatura que ameaçava a minha existência. Ouvi o frasco partir-se, inofensivamente, contra as pedras da passagem, enquanto a túnica do estranho homem pegava fogo e iluminava, com um brilho medonho, a cena horrível. O grito de susto e malícia impotente emitido pelo pretense assassino provou ser demais para os meus já abalados nervos, e desmaiei, ficando estendido nesse chão viscoso.

Quando, por fim, acordei, estava tudo assustadoramente escuro e, a minha mente, lembrando-se do que tinha acontecido, receou ter que voltar a ver mais. No entanto, a curiosidade sobrepôs-se a tudo. Quem — perguntei a mim mesmo —, era esse homem do mal, e como surgira dentro dos muros do castelo? Porque procurava ele vingar a morte de Michel Mauvais, e como teria sido continuada a maldição durante todos os longos séculos, desde o tempo de Charles, o Feiticeiro? O temor de anos foi retirado dos meus ombros pois, sabia que aquele que eu derrubara era a fonte de todo o perigo da maldição. E agora que estava livre, ardia com o desejo de aprender mais sobre a coisa sinistra que tinha assombrado a minha linhagem durante séculos e que fizera da minha própria juventude um longo e con-

tinuado pesadelo. Determinado a continuar a minha exploração, procurei nos bolsos algo com que acender a tocha não usada que tinha comigo.

Primeiro, essa luz recém-acesa revelou a forma torcida e escura do misterioso estranho. Os olhos horrendos estavam agora fechados. Não gostando do que via, afastei-me e entrei no aposento para lá da porta gótica. Aí descobri o que parecia ser um laboratório de alquimista. A um canto estava uma pilha imensa de metal amarelo que brilhava de forma vistosa à luz da tocha. Podia ser ouro, mas não parei para o examinar, pois estava afectado de maneira estranha pelo que acabara de acontecer. Do lado mais longínquo da habitação estava uma abertura que dava para o exterior, para uma das muitas ravinas selvagens da floresta escura da encosta. Cheio de espanto, mas percebendo então como é que o homem tinha entrado no castelo, voltei para trás. Tinha a intenção de passar pelos restos mortais do estranho, desviando a cara. Todavia, enquanto me aproximava do corpo, pareceu-me ouvir da sua boca um som fraco, como se a sua vida não estivesse totalmente extinta. Horrorizado, virei-me para examinar a figura, queimada e encarquilhada, estendida sobre as lajes.

Então, de repente, os olhos horríveis — e mais negros até do que a face queimada em que se encontravam —, abriram-se com uma expressão que fui incapaz de interpretar. Os lábios rebentados tentaram formar palavras, que não fui capaz de perceber bem. Apanhei, uma vez, o nome de Charles, o Feiticeiro e, imaginei de novo, que as palavras «anos» e «maldição» tinham saído da sua boca distorcida. Mas continuava sem conseguir juntar o objectivo do seu discurso incoerente. Com a minha ignorância evidente em relação ao seu significado, os olhos negros mais uma vez me brilharam de forma malévola, até que, tremi ao observar o desespero do meu oponente.

De repente, o desgraçado, animado por uma última explosão de força, levantou a cabeça lastimosa do pavimento húmido e subterrâneo. Então, enquanto eu permanecia paralisado de medo, ele conseguiu falar e, com o seu último sopro de vida, gritou as palavras que a partir de então, e para sempre, me têm assombrado os dias e noites. «Tolo!» gritou ele. «Não consegues adivinhar o meu segredo? Será que não tens cérebro para poderes reconhecer a vontade que, durante seis longos séculos, cumpriu a terrível maldição sobre a Casa? Não te falei do grande elixir da vida eterna? Não sabes agora como foi resolvido o segredo da Alquimia? Eu digo-te: fui eu! Eu! Eu! Eu! que vivi durante seiscentos anos para manter a minha vingança, pois eu sou Charles, o Feiticeiro!»



II.  
OUTROS  
CONTOS

07. O Túmulo

08. Dagon

09. Doce Ermengarde  
ou O Coração de Uma  
Rapariga do Campo

11. Uma Reminiscência  
do Dr. Samuel Johnson

12. Memória

13. O Velho Bugs

14. A Transição  
de Juan Romero

15. A Rua

16. Celephaís

17. Os Outros Deuses

18. Herbert West, O Reanimador

19. Hypnos

20. Ar Frio

21. O Povo Antiquíssimo

22. A História do Necromicon

23. A Cor Vinda do Espaço

24. Ibid

25. O Clérigo Maldito



## : O TÚMULO<sup>8</sup>:

*Tradução e notas de Vítor Morta*

Ao relatar as circunstâncias que levaram à minha prisão dentro deste refúgio para os dementes, estou ciente de que a minha posição actual irá criar uma inevitável dúvida de autenticidade no que se possa prender com a minha narrativa. É um facto triste saber que a maioria da humanidade é demasiado limitada, na sua visão mental, para reflectir com paciência e inteligência acerca daqueles fenómenos isolados, vistos e sentidos apenas por uns quantos indivíduos psicologicamente sensíveis, e que têm que ver com algo bem para lá das suas experiências mais comuns. Homens com intelectos mais abrangentes sabem que não existe nenhuma distinção nítida entre o real e o irreal — que todas as coisas aparecem apenas por virtude do meio delicado individual, físico e psíquico, através do qual tomamos consciência delas —, mas o materialismo prosaico da maioria condena como loucura qualquer clarão supervisionário, capaz de penetrar o véu comum do empirismo óbvio.

O meu nome é Jervas Dudley e, desde os meus primeiros tempos, tenho sido um sonhador e um visionário. Abastado para além da necessidade de uma vida comercial, inadequado temperamentalmente para os estudos formais e para a recreação social com os meus conhecidos, sempre habitei em reinos bem para lá do mundo visível, passando a minha juventude e adolescência entre livros antigos e pouco conhecidos, e a vagar nos campos e bosques da região, perto da minha casa ancestral. Não penso que o que li nesses livros, ou vi nesses campos e bosques, fosse exactamente o mesmo que outros rapazes lá liam e viam, mas devo falar pouco disso, uma vez que a descrição detalhada iria apenas confirmar aquelas injúrias cruéis ao meu intelecto que por vezes ouço por acaso nos murmúrios dos criados furtivos à minha volta. Basta-me relatar eventos sem analisar causas.

Disse que residia separado do mundo visível, mas não disse que residia sozinho. Isso, nenhuma criatura humana pode fazer, pois por falta de companhia dos vivos, acaba por recorrer, inevitavelmente, à companhia de coisas que nunca estiveram, ou já não estão vivas. Perto de minha casa encontra-se um pequeno vale arborizado, único, em cujas profundezas crepusculares passava a maior parte do meu tempo, a ler, a pensar e a sonhar. Dei os meus primeiros passos de infância por aquelas encostas cobertas de

---

<sup>8</sup> De título original «The Tomb», foi escrito em Junho de 1917, sendo publicado mais tarde em Março de 1922 na *The Vagrant*.

musgo, e as minhas primeiras fantasias de rapaz foram criadas em torno de carvalhos grotescamente retorcidos. Vim a conhecer bem as tríades que presidiam a essas árvores e, muitas vezes, observei as suas danças extravagantes sob os feixes de luz fraca de uma lua minguante, mas não devo falar agora destas coisas. Contar-vos-ei apenas sobre o túmulo solitário, no mais escuro dos bosques cerrados na encosta. O túmulo abandonado dos Hyde, uma família ancestral e muito apreciada, cujo último descendente directo fora colocado dentro das suas profundezas negras, muitas décadas antes do meu nascimento.

A catacumba a que me refiro é feita de granito antigo, desgastada e descolorada pelas neblinas e humidade de gerações. Escavada na encosta, a estrutura só é visível à entrada. A porta, uma laje de pedra pesada e proibitiva, está segura pelas enferrujadas dobradiças de ferro, e encontra-se bem trancada, mas entreaberta, de uma forma estranhamente sinistra, com pesadas correntes de ferro e cadeados, de acordo com o que era hábito há meio século. A residência da raça, cujos descendentes aqui estão encerrados dentro de urnas, coroou outrora o declive que contém o túmulo, mas há muito tempo que tombaram vítimas das chamas provocadas por uma faísca. Os habitantes mais velhos da região falavam, por vezes, da tempestade de meia-noite que destruiu essa mansão sombria, mas sempre em sussurros e pouco à vontade, aludindo ao que eles chamavam de «ira divina» de uma forma que, em anos posteriores, acabou por aumentar vagamente o fascínio sempre forte que eu sentira por esse sepulcro escurecido pela floresta. Apenas um homem tinha morrido no incêndio. Quando o último dos Hyde foi enterrado nesse local de sombra e quietude, a triste urna, cheia de cinzas, viera de uma terra distante, para a qual a família se dirigira em último recurso quando a mansão ardeu. Não resta ninguém para colocar flores à frente do portal de granito, e poucos se atrevem a aventurar-se pelas sombras deprimentes que parecem prolongar-se de forma estranha à volta dessas pedras gastas pela água.

Nunca esquecerei a tarde em que me deparei, pela primeira vez, e por acaso, com essa casa de morte, meio escondida. Estávamos a meio do Verão, quando a alquimia da natureza transmuta a paisagem silvestre numa massa vívida, verde e quase homogénea; quando os sentidos estão quase intoxicados pelos mares ondulados de verdura húmida e pelos odores subtilmente indefinidos da terra e da vegetação. A mente perde a noção da realidade em tais ambientes, o tempo e o espaço tornam-se supérfluos e irreais, e os ecos de um passado pré-histórico, esquecido, esbarram insistentemente na consciência escravizada.

Vagueara todo o dia através dos bosques místicos do vale, tendo pensamentos que não preciso dizer, e falando com coisas que não necessito



nomear. Sendo uma criança de dez anos, vira e ouvira muitas maravilhas desconhecidas do povo, e encontrava-me estranhamente envelhecido em certos aspectos. Foi nessa ocasião que, ao forçar caminho por entre duas moitas selvagens de arbustos espinhosos encontrei, de repente, a entrada para a catacumba. Não tinha qualquer conhecimento sobre o que descobriria. Os blocos negros de granito, a porta tão curiosamente entreaberta, e as gravações funerárias, por cima do arco do portão, não despertaram em mim quaisquer associações de carácter pesaroso ou terrível. Sabia e imaginava muito sobre sepulturas e túmulos mas, devido ao meu temperamento peculiar, fora afastado de qualquer contacto pessoal com adros de igreja e cemitérios. A estranha casa de pedra na encosta do bosque era, para mim, uma fonte de interesse e especulação, e o seu interior frio e húmido, para o qual espreeitei em vão através da abertura deixada, assim, de forma tão tentadora, não continha qualquer pista de morte ou decadência. Mas, nesse instante de curiosidade, nasceu o desejo loucamente irracional que me trouxe a este inferno de prisão. Incitado por uma voz que tinha que ter vindo da alma abominável da floresta, resolvi penetrar nessas trevas apelativas, apesar das correntes pesadas que me barravam a passagem. Sob a luz minguanete, abanei os obstáculos enferrujados, tendo em vista escancarar a porta de pedra; e ensaiei encaixar o meu corpo magro através do espaço que já aí existia, mas nenhuma das ideias resultou. Curioso de início, estava agora frenético e, quando o crepúsculo aumentou, voltei para casa. Jurara aos cem deuses do bosque que, algum dia, haveria de forçar *a todo o custo* uma entrada para as profundezas negras e arrepiantes que pareciam chamar-me. O médico de barba cinzenta cor de ferro, que vem diariamente ao meu quarto, contou uma vez a um visitante que essa decisão marcara o início de uma monomania lamentável. Mas deixarei o julgamento final para os meus leitores, logo que estes souberem de tudo.

Os meses seguintes à minha descoberta foram passados em tentativas fúteis de forçar o cadeado complicado da catacumba ligeiramente aberta, e em inquéritos cuidadosamente mantidos em segredo relativos à natureza e história da estrutura. Com os ouvidos tradicionalmente receptivos de um rapaz pequeno aprendi muito, apesar de um secretismo habitual me ter levado a não contar a ninguém a minha informação e a minha vontade. Vale a pena, talvez, mencionar que não estava de todo surpreso ou assustado ao descobrir a natureza da catacumba. As minhas ideias bastante originais, relativas à vida e à morte, fizeram com que associasse, vagamente, o barro frio ao corpo respirante, e senti que a família grandiosa e sinistra da mansão destruída pelo fogo estava, de alguma forma, representada dentro desse espaço de pedra que eu procurava explorar. Histórias murmuradas de ritos estranhos e celebrações hereges de anos passados, no átrio antigo,

provocaram-me um novo e forte interesse nesse túmulo, à porta do qual me sentava, todos os dias, durante horas seguidas. Certa vez, enfiei uma vela dentro da entrada quase fechada, mas não consegui ver nada, excepto um conjunto de degraus de pedra húmidos que conduziam mais abaixo. O odor do local causava-me nojo, mas também me enfeitiçava. Senti que já o conhecia, num passado remoto para além da memória, até mesmo para além da minha vida no corpo que agora possuo.

No ano em que contemplei pela primeira vez o túmulo, descobri, no sótão repleto de livros de minha casa, uma tradução carcomida das *Vidas* de Plutarco. Ao ler a vida de Teseu<sup>9</sup> fiquei bastante impressionado com a passagem que falava da grande pedra debaixo da qual o jovem herói descobriria os sinais do seu destino, logo que ele tivesse idade suficiente para levantar o seu peso enorme. A lenda teve o efeito de dissipar a minha impaciência ansiosa para entrar na catacumba, pois fez-me sentir que ainda não era a altura certa. Mais tarde, disse a mim mesmo: devo crescer e atingir uma força e engenho que me permitam destrancar a porta fortemente acorrentada com facilidade, mas até lá, seria melhor conformar-me com o que me parecia ser a vontade do Destino.

Assim, as minhas vigílias perto do portal húmido tornaram-se menos persistentes, e muito do meu tempo foi passado noutras ocupações igualmente estranhas. Por vezes, levantava-me muito silenciosamente de noite, saindo em bicos de pés para andar nesses adros de igreja e locais de enterro de onde os meus pais me mantinham afastado. Não posso dizer o que lá fazia, pois não estou certo da realidade de certas coisas, mas sei que no dia seguinte a tais excursões nocturnas espantava, muitas vezes, as pessoas à minha volta com o conhecimento de tópicos quase esquecidos por muitas gerações. Foi depois de uma dessas noites que eu choquei a comunidade com um conceito estranho sobre o funeral do rico e célebre Morgado Brewster, uma pessoa importante na história local, que foi enterrado em 1711, e cuja lápide, que tinha gravada uma caveira e tíbias cruzadas, estava lentamente a desfazer-se em pó. Num momento de imaginação infantil afirmei, não só que o cangalheiro Goodman Simpson roubara os sapatos de fivelas de prata, as meias de seda, e os calções de cetim do falecido antes do funeral, como também disse que o próprio Morgado, não totalmente inanimado, se virara duas vezes no seu caixão coberto de terra no dia seguinte ao seu enterro.

Mas nunca me saiu da cabeça a ideia de entrar no túmulo, sendo esta, de facto, estimulada pela surpreendente descoberta genealógica que a mi-

---

<sup>9</sup> Teseu (em grego: Θησεύς) foi, na mitologia grega, um grande herói ateniense. O seu nome significa «o homem forte por excelência».

nha própria descendência materna possuía, pelo menos, uma vaga ligação com a família, supostamente extinta, dos Hyde. Sendo o último da minha raça por linha paterna era, igualmente, o último dessa linhagem mais antiga e misteriosa. Comecei a sentir que o túmulo era *meu*, e a ansiar calorosamente pela altura em que pudesse passar por aquela porta de pedra e, no escuro, descer aqueles degraus viscosos também de pedra. Ganhava agora o hábito de me pôr à escuta junto ao portal ligeiramente aberto, escolhendo as minhas horas favoritas na quietude da meia-noite para essa estranha vigília. Pela altura em que atingi a maioridade, já fizera uma pequena clareira no bosque cerrado à frente da fachada, manchada pelo bolor, na encosta, permitindo à vegetação circundante rodear e projectar-se no espaço, como as paredes e telhado de um aposento silvestre. Este aposento era o meu templo, essa porta trancada o meu santuário, e aí me deitava, esticado, sobre o chão de musgo, cheio de pensamentos esquisitos e tendo sonhos estranhos.

Estava uma noite abafada aquando da primeira revelação. Devo ter adormecido devido à fadiga pois, foi com um distinto sentido de despertar que ouvi as vozes. Hesito falar desses tons e sotaques, e já da sua qualidade não me pronunciarei, mas posso dizer que apresentavam certas diferenças estranhas no vocabulário, na pronúncia, e modo de expressão. Pareciam estar representados nesse colóquio sombrio todos os tons do dialecto da Nova Inglaterra, desde as sílabas grosseiras dos colonos puritanos à retórica muito exacta de há já cinquenta anos, apesar de só mais tarde ter reparado nesse facto. Na altura, a minha atenção estava, efectivamente, distraída desse assunto por outro fenómeno — um fenómeno tão fugaz que não poderei afixar a sua realidade. Mal imaginei que, enquanto acordava, uma *luz* fora extinta apressadamente dentro do sepulcro subterrâneo. Penso que não fiquei nem espantado nem em pânico mas, sei agora que, essa noite *me mudou* significativa e permanentemente. Ao voltar a casa dirigi-me directamente para um baú apodrecido no sótão onde, lá dentro, encontrei a chave que no dia seguinte destrancou, com facilidade, a barreira que há tanto tempo atacava em vão.

Foi no brilhar suave de um fim de tarde que entrei pela primeira vez na catacumba da encosta abandonada. Sentia-me enfeitado, e o meu coração saltava com uma alegria que mal posso descrever. Ao fechar a porta atrás de mim, e ao descer os degraus gotejantes à luz da minha vela solitária, pareceu-me já conhecer o caminho, e, apesar de a vela crepitar com o fedor sufocante do local, sentia-me singularmente em casa, no ar bafiento e abafado dessa catacumba. Olhando à minha volta, contemplei muitas lápides de mármore com caixões, ou restos de caixões. Alguns estavam selados e intactos, mas outros quase tinham desaparecido, revelando apenas as pegadas e as placas de prata, isolados entre certos e curiosos montes de pó esbran-

quiçado. Sobre uma das placas li o nome de *Sir Geoffrey Hyde*, que viera do Sussex em 1640, e morrera aí poucos anos depois. Numa alcova conspícua encontrava-se um caixão razoavelmente bem preservado e desocupado, adornado com um único nome, o que me levou tanto a sorrir como a tremer. Um impulso estranho fez com que eu aí subisse, apagasse a minha vela e me deitasse dentro do caixão vazio.

Na luz cinzenta da madrugada cambaleei para fora da catacumba e tranquei a corrente da porta atrás de mim. Já não era um jovem, apesar de apenas vinte e um invernos terem arrefecido a minha moldura corporal. Os aldeões madrugadores que observavam a minha caminhada em direcção a casa olhavam para mim de forma estranha, e admiravam-se com os sinais de folguedo irreverente que viam em alguém conhecido como sendo sério e solitário. Só apareci aos meus pais depois ter dormido um longo e refrescante sono.

Daí em diante, percorri o túmulo todas as noites, vendo, ouvindo e fazendo coisas que nunca devo recordar. A minha fala, sempre susceptível a influências ambientais, foi a primeira coisa a sucumbir à mudança, e o meu arcaísmo de dicção, subitamente adquirido, em breve foi notado. Mais tarde, surgiram no meu comportamento uma audácia e imprudência estranhas até, inconscientemente, ter adquirido o porte de um homem mundano, apesar do meu isolamento permanente. A minha língua, anteriormente silenciosa, desembaraçava-se de uma forma loquaz com a graciosidade fácil de um Chesterfield ou com o cinismo herege de um Rochester. Mostrei uma erudição peculiar, completamente diferente do saber tradicional fantástico e monacal sobre o qual me debruçara na juventude, e cobria as folhas de guarda dos meus livros com epigramas improvisados e medíocres, que sugeriam Gay<sup>10</sup>, Prior<sup>11</sup>, e as mais animadas e divertidas rimas augustas. Uma manhã, ao pequeno-almoço, quase cheguei ao ponto desastroso de declamar, em tom indubitavelmente ébrio, uma efusão bacanal de alegria do séc. XVIII, o fragmento de uma brincadeira georgiana nunca gravada num livro, que dizia qualquer coisa como isto:

*Venham até aqui, rapazes, com as vossas canecas de cerveja,  
E bebam ao presente antes que este já não se veja;  
Amontoe, cada um, uma pilha de bife no prato,  
Pois só encontramos alívio no repasto;  
Os copos têm por isso de encher,  
Pois a vida passa a correr;*

---

<sup>10</sup> John Gay (n. 1685 – m. 1732) foi um escritor inglês.

<sup>11</sup> Mathew Prior (n. 1664 – m. 1721) foi um diplomata e poeta inglês.

*Quando estiverem mortos, nem à saúde do rei nem da vossa mulher  
irão beber!*

*Pelo que dizem, Anacreonte tinha um nariz encarnado;  
Mas o que é isso se estiveres feliz e agradado?  
Gad<sup>12</sup> quebrou-me! Enquanto aqui estiver prefiro estar encarnado,  
Do que branco como um lírio e meio ano parado!  
Por isso Betty, meu anjo;  
Vem cá dar-me um beijo;  
Pois no inferno não existe filha de taberneiro como esta que aqui vejo.*

*Tão direito como foi capaz, o jovem Harry apareceu,  
Depressa escorregou para debaixo da mesa e a sua peruca perdeu,  
Mas encham as vossas taças e ponham-nas em circulação  
É melhor debaixo da mesa do que debaixo do chão!  
Por isso divirtam-se e alegrem-se  
Enquanto bebemos com sede:  
Sob seis palmos de terra é mais difícil entreter-me!*

*Que o demónio me desfaça! Mal sou capaz de andar,  
E diabos me levem se consigo estar direito ou falar!  
Aqui senhorio, peça a Betty para trazer uma cadeira de acolá;  
Tentarei ficar em casa por uns tempos, pois a minha mulher não está  
lá!  
Por isso dê-me uma mão;  
Não sou capaz de pôr os pés direitos no chão,  
Mas enquanto permanecer ao cimo da terra serei folião!*

Foi por volta dessa época que ganhei o meu presente medo do fogo e das tempestades. Anteriormente indiferente a esse tipo de coisas, sentia agora um horror indescritível delas, e retirava-me para os recantos mais profundos da casa sempre que os céus ameaçavam relâmpagos e faíscas. Uma das minhas assombrações preferidas durante o dia era a adega em ruínas da mansão que ardera, e em imaginação visualizava essa estrutura como deveria ter sido no seu auge. Numa ocasião, assustei um homem de aldeia ao conduzi-lo confiantemente a uma adega mais pequena, cuja existência eu parecia conhecer, apesar do facto de que estivera invisível e esquecida durante muitas gerações.

---

<sup>12</sup> Gad é o nome de um deus pan-semita da sorte. O verbo de raiz *Gad* significa cortar ou dividir.

Até que por fim chegou o que eu há muito temia. Os meus pais, alarmados com a aparência e comportamento alterados do seu filho único, começaram a exercer uma espionagem delicada sobre os meus movimentos, que ameaçava resultar em desastre. Não contara a ninguém as minhas visitas ao túmulo, tendo mantido o meu objectivo secreto com um zelo religioso desde a infância. Mas agora era forçado a ter cuidado ao percorrer os labirintos do pequeno vale arborizado para que pudesse despistar um possível seguidor. Mantive a minha chave para a catacumba presa num fio à volta do pescoço, sendo a sua presença conhecida apenas por mim. Nunca tirei do sepulcro coisa alguma que encontrasse, enquanto lá estava dentro.

Uma manhã, depois de emergir do túmulo húmido, ao apertar a corrente do portal com mão firme, vi, numa mata adjacente, a temível face de um observador. Certamente, o fim estava próximo, pois o meu aposento fora descoberto, e o objectivo das minhas excursões nocturnas revelado. O homem não me abordou por isso apressei-me a ir para casa numa tentativa de escutar o que ele pudesse relatar ao meu pai, desgastado de preocupação. Será que as minhas estadias para além da porta acorrentada estariam prestes a ser reveladas ao mundo? Imaginem o meu espanto e o deleite ao ouvir o espião informar o meu pai, num murmúrio cauteloso, que *eu passara a noite numa zona coberta, fora do túmulo*, com os olhos semicerrados, fixos na fenda onde o portal trancado se encontrava entreaberto! Por que milagre teria o observador sido iludido de tal forma? Estava agora convencido de que um agente sobrenatural me protegera. Tornado arrojado por essa circunstância enviada do céu, comecei a voltar à catacumba sem qualquer rodeio, confiante que ninguém conseguia ver-me entrar. Durante uma semana experimentei as alegrias plenas dessa mórbida e tétrica convivência, que não devo descrever, quando aconteceu a *coisa*, e fui trazido para esta residência maldita de tristeza e monotonia.

Não me deveria ter aventurado a sair nessa noite, dado que as nuvens apresentavam sinais de trovoada, e uma fosforescência demoníaca se elevava do pântano fértil ao fundo do vale. O apelo dos mortos também era diferente. Em vez do túmulo na encosta, fio o demónio que presidia à adega queimada no topo da ladeira, que me chamou com dedos invisíveis. Ao emergir de um bosque que havia na planície, diante ruína, contemplei, sob o luar enevado, uma coisa que sempre esperara vagamente. A mansão, desaparecida durante um século, impunha uma vez mais a sua altura majestosa à visão extasiada, cada janela incandescente com o esplendor de muitas velas. Ao longo de um largo caminho rolavam as carruagens da alta burguesia de Bóston enquanto, a pé, vinha um numeroso agrupamento de requintadas pessoas de cabeleiras empoadas, vindas das mansões vizinhas. Estava misturado com essa multidão, apesar de saber que pertencia

ao grupo de anfitriões e não ao dos convidados. Dentro da enorme sala havia música, riso, e vinho em cada mão. Reconheci várias caras, apesar de as reconhecer melhor se estivessem enrugados ou carcomidos pela morte e decomposição. Entre uma multidão selvagem e despreocupada eu era o mais selvagem e abandonado. Uma alegria blasfema saía em torrentes dos meus lábios, e em caprichos chocantes, não prestei atenção a qualquer lei de Deus ou da natureza.

De repente, o ressoar de um trovão, estrondoso mesmo por cima do barulho da festa repugnante, colou-se ao próprio telhado e depositou um silêncio de medo sobre a companhia turbulenta. A casa foi engolida por línguas vermelhas de chamas e rajadas de vento abrasador, e esse ruidosos convidados, atacados pelo terror da descida de uma calamidade que parecia transcender os limites sem governo da natureza, fugiram a gritar pela noite dentro. Apenas eu permaneci, pregado ao meu assento por um medo abjecto que nunca antes sentira. Então, um segundo horror tomou posse da minha alma. Queimado vivo, com o meu corpo em cinzas e espalhado aos quatro ventos, *nunca me poderia deitar no túmulo dos Hyde!* Não estaria o caixão preparado para mim? Não tinha eu o direito de descansar eternamente entre os descendentes de *Sir Geoffrey Hyde*? Sim! Iria reclamar a minha herança de morte, mesmo apesar da minha alma ir procurar, através das eras, outra morada corpórea para a representar na laje vaga na alcova da catacumba. Jervas Hyde nunca partilharia o destino triste de Palinuro<sup>13</sup>!

À medida que o fantasma da casa a arder se esbatia, encontrei-me a gritar e a debater-me loucamente nos braços de dois homens, um dos quais era o espião que me seguira até ao túmulo. Chovia torrencialmente, e no horizonte a sudoeste havia relampejos e trovões que tinham acabado de passar sobre as nossas cabeças. O meu pai, com a face delineada pela tristeza, ficou por perto enquanto eu gritava as minhas exigências de ser colocado dentro do túmulo, admoestando frequentemente os meus captores para me tratarem tão gentilmente como podiam. Um círculo enegrecido, no chão da adega em ruínas, revelava um ataque violento dos céus, e desse local, um grupo de aldeões curiosos com lanternas estava a espreitar uma pequena caixa de manufactura antiga, que o raio iluminara.

Cessando a minha luta fútil e agora sem objectivo, observei os espectadores enquanto viam o tesouro encontrado, e me era permitido partilhar das suas descobertas. A caixa, cujos fechos tinham sido quebrados pelo golpe fulminante que a desenterrara, continha muitos papéis e objectos de valor, mas eu tinha olhos apenas para uma coisa, para a miniatura em por-

---

<sup>13</sup> Na mitologia romana, Palinuro é o timoneiro do navio de Eneias, desde que saiu de Tróia, depois de a cidade ter sido destruída, numa guerra que durou dez anos.

celana de um jovem com uma peruca encaracolada e muito bem arranjada, com as iniciais «J. H.». A face era tal que enquanto a fitava, podia estar a olhar para o espelho.

No dia seguinte fui trazido para este quarto com janelas gradeadas, mas fui mantido informado de certas coisas por um criado já idoso e de mente simples, por quem eu nutria uma afeição na infância e que, como eu, adorava o adro da igreja. O que me atrevi a relatar das minhas experiências dentro da catacumba só me trouxe sorrisos piedosos. O meu pai, que me visita frequentemente, diz que nunca passei o portal acorrentado, e jura que o cadeado enferrujado não fora sequer tocado durante cinquenta anos, quando ele o examinou. Afirma também que toda a aldeia sabia das minhas excursões ao túmulo, e que muitas vezes era observado enquanto dormia na zona coberta, por fora da fachada sinistra, com os meus olhos meio abertos e fixos na fenda que conduzia ao interior. Não tenho qualquer prova tangível com que rebater tais afirmações, uma vez que a minha chave para o cadeado se perdeu na luta naquela noite de horrores. As coisas estranhas do passado que aprendi durante esses encontros nocturnos com os mortos, são descartados pelo meu pai como sendo o fruto da minha leitura omnívora de toda uma vida, dos volumes antigos da biblioteca da família. Se não fosse pelo meu velho criado Hiram, por esta altura, já estaria bastante convencido da minha loucura.

Mas Hiram, leal até ao último momento, manteve a sua fé em mim, e fez o que me impele a tornar pública, pelo menos, parte da minha história. Há uma semana, ele forçou a fechadura que acorrenta a porta do túmulo perpetuamente entreaberta, e desceu para as profundezas obscuras com uma lanterna. Numa laje, numa alcova, encontrou um caixão antigo mas vazio cuja placa já manchada tem gravada uma única palavra: Jervas. Prometeram-me que seria enterrado nesse caixão e nessa catacumba.



**: DAGON<sup>14</sup> :**

*Tradução e notas de Vítor Morta*

Estou a escrever sob uma tensão mental considerável, uma vez que esta noite deixarei de existir. Sem dinheiro e no fim do minha dose de droga, que só ela torna a vida suportável, não consigo aguentar mais a tortura e lançar-me-ei da janela desta mansarda para a rua esqualida, lá em baixo. Não pensem que pelo facto de já ser escravo da morfina possa ser um fraco, ou um degenerado. Quando lerem estas páginas rabiscadas à pressa poderão calcular, mas nunca aperceberem-se totalmente porque é que eu tenho de me esquecer ou morrer.

Foi numa das partes mais ermas e menos navegadas do vasto Pacífico que o paquete, no qual era comissário de bordo, foi apresado por um vaso de guerra alemão. A Grande Guerra estava, nessa época, apenas no início, e as forças marítimas do «huno» não tinham ainda descido completamente à sua posterior degradação, pelo que o nosso navio foi feito presa legítima, enquanto nós, a sua tripulação, fomos tratados com toda a justiça e consideração que nos eram devidas como prisioneiros navais. De facto, a disciplina dos nossos captores era tão liberal que, cinco dias após termos sido apanhados, consegui fugir sozinho num pequeno bote, com água e provisões para um largo período de tempo.

Quando finalmente me encontrei à deriva e livre, não fazia senão uma pequena ideia do meio envolvente. Nunca tendo sido um navegador competente, podia apenas calcular vagamente através do sol e das estrelas de que estava algures a sul do equador. Não sabia nada da longitude, e não havia qualquer ilha ou costa à vista. O tempo manteve-se ameno, e por dias incontáveis andei sem rumo, à deriva, debaixo de um sol ardente, esperando ou por algum navio que passasse, ou para dar à costa de alguma terra habitada. Mas nem navio nem terra apareceram, e eu comecei a desesperar na minha situação solitária sobre a vastidão ondulante desse azul ininterrupto.

A mudança deu-se enquanto dormia. Nunca saberei os detalhes, pois o meu sono apesar de conturbado e infestado de sonhos foi contínuo. Quando, por fim, acordei, foi para ver que fora semi-sugado por uma substância viscosa de lama negra infernal que se espalhava sobre mim, em ondulações monótonas até onde conseguia ver, e na qual, a alguma distância, o meu bote se encontrava encalhado.

---

<sup>14</sup> Escrito em 1917 foi, mais tarde, publicado pela primeira vez, com o mesmo título, em Novembro de 1919 na *The Vagrant*, No. 11.

Apesar de se poder muito bem imaginar que a minha primeira sensação seria de espanto, dada tão prodigiosa e inesperada mudança de cenário, eu estava, na realidade, mais horripilado do que espantado, pois encontrava-se no ar e no solo apodrecido uma qualidade sinistra que me arrepiava até aos ossos. A região estava pútrida com as carcaças de peixes em decomposição, e de outras coisas menos descritíveis que eu vi saindo da lama nojenta da planície interminável. Talvez não devesse ter esperança de reunir em meras palavras o horror inominável que pode habitar no silêncio absoluto e na imensidão desolada. Nada se ouvia, e a única coisa visível era uma vasta extensão de viscosidade negra. No entanto, a própria totalidade da quietude e a homogeneidade da paisagem oprimiam-me com um medo nauseante.

O sol queimava com os seus raios escaldantes, vindos de um céu que parecia ser quase preto na sua crueldade sem nuvens, como se a reflectir o pântano negro por debaixo dos meus pés. Ao rastejar para o bote encalhado, apercebi-me que apenas uma teoria poderia explicar a minha posição. Através de alguma sublevação vulcânica sem precedentes, uma porção do fundo do oceano devia ter sido atirada para a superfície, expondo regiões que por incontáveis milhões de anos tinham permanecido escondidas sob profundezas aquáticas insondáveis. Tão grande era essa nova extensão de terra, que se erguera por baixo de mim, que eu não consegui detectar o mais leve ruído do oceano agitado, por muito que tentasse. Nem existiam quaisquer criaturas marinhas para se alimentar das coisas mortas.

Durante várias horas permaneci sentado a pensar, ou em choque, no bote que jazia de lado e me providenciava uma ligeira sombra, enquanto o sol se movia através dos céus. À medida que o dia foi passando, o solo perdeu alguma da sua viscosidade, e pareceu-me provável que secasse o suficiente para me permitir viajar dentro de um curto espaço de tempo. Dormi pouco nessa noite e, no dia seguinte, preparei uma mochila contendo comida e água, aprontando-me assim para uma travessia terrestre em busca do mar desaparecido, e de possível salvamento.

Na terceira manhã, o chão estava seco o suficiente para poder andar com facilidade. O cheiro a peixe era de enlouquecer, mas eu estava demasiado preocupado com coisas mais graves para ligar a um mal tão ligeiro, e parti corajosamente em direcção a um objectivo desconhecido. Caminhei determinadamente todo o dia, em direcção a oeste, guiado por uma elevação que se erguia acima de qualquer outra, no deserto cheio de colinas. Acampeei nessa noite e, no dia seguinte ainda viajava na direcção da elevação, apesar desse objecto parecer pouco mais próximo do que quando eu o vira pela primeira vez. Na tarde do quarto dia atingi o sopé do monte, que se revelou ser muito mais alto do que parecia à distância, com um vale

intermédio tornando-o num relevo mais pontiagudo do que a superfície geral. Demasiado cansado para subir, dormi na sombra da colina.

Não sei porque tive sonhos tão loucos nessa noite, mas antes que a lua minguante e fantásticamente corcunda se encontrasse muito acima da planície a leste, já eu estava acordado numa transpiração fria, determinado a não voltar a adormecer. Visões como as que experimentara eram demais para que as voltasse a suportar. E, pelo brilho da lua, vi quão insensato tinha sido ao viajar de dia. Sem o brilho ofuscante do sol que tudo seca, a minha viagem ter-me-ia custado menos energia, de facto, sentia-me agora bastante capaz de efectuar a subida que me desanimara ao pôr-do-sol. Pegando na minha mochila, dirigi-me a crista dessa elevação.

Disse que a monotonia constante da planície ondulante era, para mim, uma fonte de horror vago, mas penso que o meu horror foi maior quando atingi o cume do monte e olhei para o outro lado, para um enorme fosso ou desfiladeiro, cujos recessos negros o luar ainda não iluminava, pois a lua ainda não estava alta o suficiente. Senti-me na orla do mundo, espreitando sobre a margem para um caos insondável de noite eterna. Pelo meu terror corriam recordações curiosas do *Paraíso Perdido*, e a escalada hedionda de Satã através de reinos inimagináveis de escuridão.

À medida que a lua se elevava mais alta no céu, comecei a ver que as encostas do vale não eram tão perpendiculares como imaginara. Saliências e afloramentos de pedra serviam como bons apoios para uma descida enquanto, após uma queda de umas centenas de metros, o declive se tornava muito pouco inclinado. Apressado por um impulso que não consigo precisar, desci atabalhoadamente as rochas e fiquei na encosta mais suave, um pouco mais abaixo, fitando as profundezas estíguas, onde luz alguma tinha ainda penetrado.

De imediato chamou-me a atenção um objecto enorme e único. Encontrava-se na encosta oposta que se erguia íngreme a cerca de noventa metros à minha frente: um objecto que brilhava, esbranquiçado, sob os recém-surgidos raios da lua nascente. Depressa me assegurei de que era um gigantesco pedaço de pedra, mas estava consciente de uma impressão distinta, de que o seu contorno e posição não eram, de todo, o trabalho da Natureza. Uma inspecção mais atenta encheu-me de sensações que não posso explicar pois, apesar da sua magnitude e posição, num abismo que terminava no fundo do mar desde que o mundo era jovem, percebi, sem qualquer dúvida, que o estranho objecto era um monólito bem esculpido, cujo gigantesco volume conheceu o trabalho manual do homem, e talvez a adoração de criaturas vivas e pensantes.

Espantado e admirado mas, todavia, não desprovido de uma certa excitação de cientista ou prazer de arqueólogo, examinei, mais atentamente,

o que me rodeava. A lua, agora perto do zénite, brilhava de forma estranha e vívida por cima das escarpas altas, que circundavam o abismo, revelando o facto de que um vasto corpo de água fluía no fundo, descendo em espiral até se perder de vista em ambas as direcções, e quase lambendo os meus pés enquanto estava na encosta. Do outro lado do abismo, as pequenas ondas rebentavam contra a base do monólito ciclópico, em cuja superfície eu podia agora descortinar tanto inscrições como esculturas rudimentares. A escrita consistia num sistema de hieróglifos que me era desconhecido, não se assemelhando a nada do que eu alguma vez vira em livros, consistindo, na sua maioria, em símbolos aquáticos convencionais, tal como peixes, enguias, polvos, crustáceos, moluscos, baleias, e outros semelhantes. Várias figuras representavam, obviamente, coisas marinhas que são desconhecidas do mundo moderno, mas cujas formas em decomposição eu observara na planície que se erguera do fundo do oceano.

Contudo, foi a gravura pictórica que mais me fascinou. Do outro lado da água intermédia, encontrava-se, perfeitamente visível, devido ao seu enorme tamanho, um conjunto de baixos-relevos cujos temas suscitariam a inveja de um Doré<sup>15</sup>. Penso que essas coisas deveriam representar homens, pelo menos um certo tipo de homens — apesar de as criaturas serem mostradas comportando-se como peixes em águas de alguma gruta submarina, ou a prestar homenagem a algum altar monolítico que parecia estar, também, debaixo de água. Não me atrevo a falar em pormenor dos seus rostos e formas, pois essa mera lembrança faz-me desmaiar. Grotescas para além da imaginação de um Poe, ou de um Bulwer<sup>16</sup>, eram, em traços gerais, horrivelmente humanas, apesar das mãos e pés membranosos, dos lábios chocantemente largos e flácidos, dos olhos salientes e vidrados, e de outras características menos agradáveis de recordar. Curiosamente, pareciam ter sido esculpidas desproporcionais às suas paisagens — pois, via-se uma das criaturas a matar uma baleia, representada um pouco maior que ela própria. Reparei, como digo, na sua fealdade e estranha dimensão, mas, de imediato, cheguei à conclusão de que eram apenas os deuses imaginários de alguma tribo de marinheiros ou pescadores: uma tribo cujo último descendente morrera épocas antes do primeiro antepassado do homem

---

<sup>15</sup> Paul Gustave Doré (1832-1883), foi um pintor, desenhista e o mais produtivo e bem-sucedido ilustrador francês de livros de meados do século XIX. O seu estilo caracteriza-se pela inclinação para a fantasia, tendo produzido também trabalhos mais sóbrios, como os estudos notáveis sobre as áreas pobres de Londres, realizados entre 1869 e 1871.

<sup>16</sup> Edward George Bulwer-Lytton (1803-1873) foi um político, poeta, dramaturgo, e romancista inglês.

de Piltdown ou de Neandertal ter nascido. Espantado com este vislumbre inesperado de um passado além da concepção do antropólogo mais ousado, permaneci abstraído enquanto a lua lançava estranhos reflexos no canal silencioso à minha frente.

Então, subitamente, vi-a. Somente com uma ligeira agitação a marcar a sua subida à superfície, a coisa deslizou acima das águas escuras, tornando-se visível. Grande e odiável, parecida com um Polifemo<sup>17</sup>, dirigiu-se directamente ao monólito, como um estupendo monstro de pesadelo, sobre o qual lançou os seus braços gigantícos e escamosos, enquanto curvava a sua cabeça hedionda e dava azo a certos sons rítmicos. Penso que foi então que fiquei louco.

Lembro-me pouco da minha escalada frenética da encosta e do penhasco, e da minha viagem delirante de volta ao bote encajado. Creio que cantei bastante, e me ri de forma estranha quando era incapaz de cantar. Tenho lembranças vagas de uma grande tempestade algum tempo depois de ter chegado ao bote. De qualquer forma, sabia que ouvira o ribombar de trovões, e outras tonalidades sonoras que a natureza pronuncia apenas quando está de muito mau humor.

Quando sai das sombras estava num hospital de S. Francisco. Fora para lá levado pelo capitão do navio americano que me resgatara a meio do oceano. Falara muito, durante o meu delírio, mas descobri que não prestaram atenção às minhas palavras. Os meus salvadores não sabiam de qualquer levantamento de terras no Pacífico, nem pensei ser necessário insistir numa coisa em que sabia que eles não poderiam acreditar. Certa vez, procurei um etnólogo de renome e diverti-o com estranhas questões relativas à antiga lenda filisteia de Dagon, o Deus-Peixe<sup>18</sup> mas, ao aperceber-me da sua convencionalidade irremediável, não insisti com o meu inquérito.

É à noite, especialmente quando a lua está gibosa e minguate, que eu vejo a coisa. Tentei a morfina, mas a droga deu-me apenas alívio momentâneo, e atraiu-me para as suas garras como um escravo sem esperança. Por isso estou prestes a acabar com tudo, tendo escrito um relato completo para informação ou para divertimento desdenhoso dos meus pares. Pergunto-me, muitas vezes, se não poderia ter sido tudo um puro fantasma — uma mera pontada de febre enquanto jazia atacado pelo sol, a delirar no bote sem cobertura, após a minha fuga do vaso de guerra alemão. Isso pergunto a mim mesmo mas, como resposta, aparece-me sempre uma visão

---

<sup>17</sup> Polifemo era um ciclope, filho de Poseidon e da ninfa Teosa, vivia uma existência solitária numa caverna próxima de Sicília (junto ao Etna).

<sup>18</sup> Dagon era o deus dos Filisteus. Esse ídolo era representado como uma combinação entre homem e peixe. O próprio nome «Dagon» é derivado de «dag» que significa «peixe».

vívida e horrenda. Não consigo pensar no mar profundo sem tremer com as coisas sem nome que podem estar, neste preciso momento, a rastejar e a debater-se no seu leito viscoso, a adorar os seus antigos ídolos de pedra e a esculpir as suas próprias parecenças detestáveis em obeliscos submarinos de granito também submerso. Sonho com um dia em que elas possam erguer-se acima das ondas, para arrastar com os seus tentáculos fedorentos os restos da humanidade, minúscula e desgastada pela guerra — de um dia em que a terra se afundará, e o escuro leito oceânico ascenderá por entre o pandemónio universal.

O fim está próximo. Ouço um barulho na porta, como se algum corpo, imenso e escorregadio, estivesse a atirar-se contra ela. Não me encontrará. Meu Deus, *aquela mão!* A janela! A janela!

**: DOCE ERMENGARDE  
OU O CORAÇÃO DE UMA RAPARIGA DO CAMPO<sup>19</sup> :**

*Tradução e notas de Vítor Morta*

**Capítulo I**

UMA CRIADA RÚSTICA SIMPLES

Ermengarde Stubbs era a linda filha, loura, de Hiram Stubbs, um pobre mas honesto lavrador, de Hogton, Vermont, que também destilava ilegalmente bebidas alcoólicas. O seu nome era, originalmente, Ethyl Ermen-garde, mas o seu pai persuadira-a a abandonar esse primeiro nome após a aprovação da 18ª Emenda, alegando que lhe causava sede ao lembrá-lo do álcool etílico,  $C_2H_5OH$ . Os seus próprios produtos continham sobretudo metilo ou etanol,  $CH_3OH$ . Ermengarde dizia ter dezasseis anos e designava como procedendo de más-línguas todos os relatos que lhe atribuíam ter já trinta. Tinha grandes olhos pretos, um nariz romano proeminente, cabelo claro — que nunca escurecia na raiz, excepto quando a drogaria local estava com falta de provisões —, e uma compleição bela mas pouco cuidada. Media cerca de 1,50 m... 1,60 m, pesava 53 kg, na balança viciada do pai — e também fora dela —, para mais era considerada bastante formosa por todos os jovens camponeses da aldeia, que admiravam a quinta do seu pai e gostavam das suas colheitas líquidas.

Existiam dois amantes ardentes que pretendiam a sua mão em casamento. O morgado Hardman, que tinha uma hipoteca sobre a casa velha, era muito rico e idoso. Era cruelmente belo e de tez escura, andando sempre a cavalo e trazendo sempre consigo um pencialim<sup>20</sup>. Havia muito que cobiçava a radiante Ermengarde, e agora o seu ardor fora aumentado por um segredo que só ele conhecia, atingindo um calor de febre, pois nos humildes acres do lavrador Stubbs ele descobrira um grande veio de OURO!!

«Ah!» disse ele, «irei conquistar a donzela antes que o seu pai saiba da sua riqueza desconhecida, e juntarei à minha fortuna uma ainda maior!»

---

<sup>19</sup> Com o nome original de «Sweet Ermengard, or The Heart of a Country Girl», foi escrito por H. P. Lovecraft sob o pseudónimo de Percy Simple, talvez em 1917. Este manuscrito nunca foi publicado.

<sup>20</sup> Pencialim é um pequeno chicote, de cabo maleável e de ponta achatada. Utilizado pelos cavaleiros para motivar os cavalos, podendo também ter uma pega para abrir portões.

E assim começou a visitá-los duas vezes por semana, em vez de uma como anteriormente.

Mas infelizmente para os desígnios de um vilão, o morgado Hardman não era o único pretendente dessa rapariga bonita. Perto da aldeia vivia outro, o belo Jack Manly, cujo cabelo louro e encaracolado tinha ganho a afeição da doce Ermengarde, quando ambos eram ainda crianças brincalhonas na escola da aldeia. Jack era, desde há muito tempo, demasiado tímido para declarar a sua paixão, mas um dia, enquanto passeava com Ermengarde por um caminho arborizado, perto do moinho velho, descobrira a coragem para expressar o que lhe ia no coração.

«Oh luz da minha vida» disse ele «a minha alma está tão sobrecarregada que tenho que falar! Ermengarde, meu ideal (ele pronunciou-a ediál!), a vida tornou-se uma coisa vazia sem ti. Amada do meu espírito, observa um suplicante, ajoelhando-se na poeira perante ti. Ermengarde, oh Ermengarde, leva-me a um Céu de alegria e diz que algum dia serás minha! É verdade que sou pobre, mas não terei eu juventude e força para abrir caminho até à fama? Apenas posso fazê-lo por ti, querida Ethyl, perdão, Ermengarde, a minha única, a minha mais preciosa...» mas aí ele parou para secar os olhos e limpar a testa, e a bela respondeu:

«Jack, meu anjo, por fim... ao menos... quero dizer... isto é tão inesperado e sem precedentes! Nunca sonhei que alimentasses sentimentos de afecto relacionados com alguém tão baixo como a filha do Lavrador Stubbs, pois ainda não passo de uma criança! Tal é a tua nobreza natural, que temia... quer dizer, pensava, que fosses cego aos fracos charmes que possuo e, que ao ires procurar fortuna na grande cidade, conhecerias e casarias com uma daquelas donzelas mais graciosas cujo esplendor observamos nas revistas de moda.

» Mas Jack, uma vez que sou eu quem realmente adoras, permite-nos dispensar todos os rodeios desnecessários. Jack, meu querido, o meu coração é há muito tempo susceptível às tuas graças masculinas. Acarinho uma afeição por ti. Considera-me tua e não te esqueças de comprar o anel na loja de ferragens do Perkins, onde têm diamantes de imitação muito bonitos na montra.»

«Ermengarde, mê amor!»

«Jack, mê precioso!»

«'Nha qu'rida!»

«'Nha bida!»

«Mê Deus!»



[Pano]

## Capítulo II

### E O VILÃO AINDA A PERSEGUE

Mas estas passagens delicadas, apesar do seu fervor sagrado, não passaram despercebidas a olhos profanos pois, agachado atrás de uns arbustos e rangendo os dentes, encontrava-se o vil morgado Hardman! Quando os amantes finalmente se afastaram, continuando o seu passeio, ele saltou para o caminho, enrolando viciosamente o seu bigode e girando o pencialim, e pontapeou um gato inquestionavelmente inocente que também andava a passear.

«Maldição!» gritou ele (Hardman, não o gato). «Estragam-me os planos para conseguir a quinta e a rapariga! Mas Jack Manly nunca o conseguirá! Veremos, sou um homem de poder!»

De seguida encaminhou-se para o humilde tugúrio dos Stubbs, onde encontrou o pai apreciador de bebida, na cave onde esta se destilava, a lavar garrafas sob a supervisão da gentil esposa e mãe, Hanna Stubbs. Indo directamente ao assunto, o vilão disse:

«Lavrador Stubbs, acarinho uma afeição terna e de longa data pela sua filha amorosa, Ethyl Ermengarde. Estou consumido de amor, e desejo a sua mão em casamento. Sempre um homem de poucas palavras, não me irei rebaixar ao eufemismo. Dê-me a rapariga ou irei executar a hipoteca, ficando assim com esta velha casa.

«Mas senhor» implorou Stubbs, já um pouco «tocado», enquanto a sua esposa perturbada apenas olhou furiosamente. «Tenho a certeza de que os afectos da criança pertencem a outra pessoa.»

«Ela tem de ser minha!» respondeu asperamente o morgado sinistro. «Farei com que ela me ame, ninguém resistirá à minha vontade! Ou ela se torna na 'nha mulher ou digam adeus à velha casa vai!»

E com um sorriso escarninho e um estalo do seu pencialim o morgado Hardman cavalgou pela noite dentro.

Ainda mal ele partira, quando entraram pela porta dos fundos os amantes radiantes, ansiosos por contar aos Stubbs seniores tudo acerca da sua recém-encontrada felicidade. Imaginem a consternação universal que reinou quando se soube de tudo! Lágrimas correram como cerveja branca, até que, de repente, Jack se lembrou que era o herói e, levantando a cabeça, declamou num tom apropriadamente viril:

«Enquanto eu viver, a formosa Ermengarde nunca será oferecida como sacrifício a esse animal! Irei protegê-la, ela é minha, minha, minha,

e muito mais! Não temam, queridos e futuros pai e mãe, irei defendê-los a todos! Ainda irá destilar muita coisa nesta casa e serei eu quem há-de levar ao altar a bela Ermengarde, a mais bela de todas as raparigas! Para o diabo o cruel morgado e o seu ouro mal ganho. Os justos vencerão sempre, e um herói tem sempre razão! Irei à grande cidade e lá farei uma fortuna para os salvar, antes que a hipoteca seja executada! Adeus, meu amor. Deixo-te agora em lágrimas, mas regressarei para pagar o empréstimo da hipoteca e reclamar-te como minha noiva!»

«Jack, mê protector!»

«Ernie, mê panzinho doce.»

«Qu'rida!»

«Qu'rido! E nã têsqueças daquel'anel que 'tá na loja do Perkin.»

«Oh!»

«Ah!»

[Pano]

### Capítulo III

#### UM ACTO VII

Mas o engenhoso morgado Hardman não deixaria que os seus planos fossem tão facilmente frustrados. Encontrava-se perto da aldeia um assentamento de gente de má fama, constituído por barracões desorganizados e povoado por escumalha pobre que vivia do roubo e de outros trabalhos estranhos. Aí, o vilão demoníaco arranjou dois cúmplices: rapazes muito feios que, obviamente, não eram cavalheiros. E, durante a noite, o trio maquiavélico entrou na cabana dos Stubbs e raptou a bela Ermengarde, levando-a para uma barraca miserável nesse assentamento, e colocando-a aos cuidados da Mãe Maria, uma horrenda bruxa velha. O Lavrador Stubbs estava bastante «tocado», e teria posto um anúncio nos jornais se o custo por palavra fosse menor que um cêntimo para cada inserção. Ermengarde foi firme, e nunca cedeu na sua recusa de desposar o vilão.

«Ah, ah, minha beleza orgulhosa» exclamou ele. «Tenhe-t'm mê poder e, màs tarde ou màs cedo irei quebrar essa tua vontade! Entretanto pensas nos pobres dos teus velhos pais destituídos, sem casa e cò coração destroçado, vagueando já desamparadamente pelos campos!»

«Oh, poupa-os, poupa-os!» pediu-lhe a donzela.

«Nunca... ah, ah, ah, ah!» disse o bruto, olhando-a maliciosamente.

E assim se passavam os dias cruéis, enquanto, em total ignorância, o jovem Jack Manly procurava fama e fortuna na grande cidade.

#### **Capítulo IV**

##### VILANIA SUBTIL

Um dia, quando o morgado Hardman se encontrava sentado em frente à sua casa cara e palaciana, dedicando-se ao seu passatempo favorito — ranger os dentes e abanar o seu pencialim —, teve uma grande ideia, e praguejou para a estátua de Satã que se encontrava na prateleira de ónix por cima da lareira.

«Sou afinal tão parvo!» gritou ele. «Porque que é que tive todo este trabalho com a rapariga, quando posso simplesmente ficar com a quinta. Executando a hipoteca? Nunca pensei nisso! Libertarei a rapariga, tomarei a quinta e ficarei livre para casar com alguma donzela formosa da cidade, como a actriz principal daquele grupo de teatro burlesco que representou a semana passada no edifício da prefeitura!»

E assim desceu ao assentamento, pediu desculpa a Ermengarde, deixou-a ir para casa, indo ele próprio para a sua, a fim de poder maquinar novos crimes e inventar novas formas de vilania.

Os dias passavam, e os Stubbs iam ficando cada vez mais tristes com a chegada da iminente perda da sua casa e destilaria, mas ninguém parecia ser capaz de fazer nada sobre isso. Um dia, um grupo de caçadores da cidade calhou perder-se, indo parar à velha quinta, onde um deles encontrou o ouro! Escondendo a sua descoberta dos companheiros, fingiu ter sido mordido por uma cascavel e dirigiu-se ao tugúrio dos Stubbs, em busca da ajuda habitual nesses casos. Ermengarde abriu a porta e viu-o. Ele também a viu, e nesse momento resolveu conquistá-la, a ela e ao ouro. «Pela saúde da minha mãe, terei que o fazer» gritou ele para si mesmo em voz alta. «Nenhum sacrifício será excessivo!»

#### **Capítulo V**

##### O RAPAZ DA CIDADE

Algernon Reginald Jones era um instruído homem do mundo, da grande cidade, e, nas suas mãos sofisticadas a nossa pobre e pequena Ermengarde não passava de uma mera criança. Uma pessoa podia quase acreditar nes-

sa coisa dos dezasseis anos. Algy era um trabalhador rápido, mas nunca rude. Poderia ter ensinado uma ou outra coisa ao Hardman sobre extorsão. Assim, apenas uma semana depois da sua entrada para o círculo familiar dos Stubbs, onde se insinuara como a cobra que era, conseguiu persuadir a heroína a fugir com ele! Foi de noite que ela saiu, deixando um bilhete para os pais, cheirando a comida familiar pela última vez, e despedindo-se do gato com um beijo — coisas comoventes! No comboio, Algernon ficou com sono e adormeceu no seu lugar, deixando cair um papel do seu bolso, sem querer. Ermengarde, aproveitando-se do seu estatuto de noiva escolhida, pegou na folha de papel dobrada e leu o seu conteúdo perfumado, quando oh! Quase desmaiou! Era uma carta de amor de outra mulher!!

«Pérfido enganador!» murmurou ela para o adormecido Algernon. «Então a apregoada fidelidade resume-se a isto!? Está tudo terminado entre nós, para sempre!»

Dizendo isto, empurrou-o pela janela e acalmou-se, preparando-se para um muito necessitado descanso.

## **Capítulo VI**

### SOZINHA NA GRANDE CIDADE

Quando o comboio barulhento chegou à estação escura na cidade, a pobre e indefesa Ermengarde estava completamente sozinha, sem dinheiro para voltar para Hogton.

«Porque é que» suspirou ela, cheia de um arrependimento inocente, «não lhe tirei a carteira antes de o ter empurrado? Bem, não devo preocupar-me! Ele contou-me tudo sobre a cidade, pelo que posso facilmente ganhar dinheiro suficiente para voltar para casa, ou mesmo para pagar a hipoteca!»

Mas infelizmente para a nossa pequena heroína, pois para uma novata não é fácil arranjar trabalho, viu-se obrigada a dormir em bancos de jardim, durante uma semana, e a conseguir comida na fila do pão<sup>21</sup>. Certa vez, uma pessoa astuta e mal-intencionada, percebendo o seu desamparo, ofereceu-lhe trabalho a lavar pratos num cabaré depravado que estava muito em moda; mas a nossa heroína manteve-se fiel aos seus ideais rústicos e

---

<sup>21</sup> Fila do pão é o equivalente português a «sopa dos pobres». Eram locais onde os pobres e destituídos, que não tinham o que comer, se podiam deslocar, a determinadas horas do dia (resultando numa grande concentração de pessoas que formavam uma fila, daí o seu nome) e onde lhes era distribuído pão.

recusou-se a trabalhar num palácio de frivolidade tão dourado e brilhante — especialmente porque só lhe ofereciam três dólares por semana, incluindo refeições mas não a dormida. Ela tentou procurar Jack Manly, o seu único amante, mas não o conseguiu. Talvez, também ele não a reconhecesse pois, na sua pobreza ela ficara outra vez e forçosamente morena e, Jack não a via nessa condição desde os tempos de escola. Um dia, ela encontrou, no escuro, uma bolsa elegante e cara e, após ver que não continha grande coisa, levou-a à senhora rica cujo cartão proclamava a sua propriedade. Indescriivelmente maravilhada com a honestidade dessa órfã desamparada, a aristocrática Sr.<sup>a</sup> Van Itty adoptou Ermengarde, como substituição da pequena que lhe fora roubada há já muitos anos.

«És tão parecida com a minha querida Maude» suspirou ela, enquanto via a formosa morena regressar a loura. E assim passaram várias semanas, com os pais em casa a arrancarem os seus cabelos, e o perverso morgado Hardman rindo-se demoniacamente.

## **Capítulo VII**

### FELIZES PARA SEMPRE

Um dia a abastada herdeira Ermengarde S. Van Itty contratou um segundo motorista. Impressionada com algo familiar no seu rosto, olhou-o de novo e respirou profundamente. Oh! Era o pérfido Algernon Reginald Jones, aquele que ela empurrara da janela de uma carruagem de comboio naquele dia fatídico!

Sobrevivera, o que era quase imediatamente evidente. Para além disso, casara com a outra mulher, que fugira com o leiteiro e todo o dinheiro que se encontrava em casa. Agora, totalmente humilhado, pediu perdão à nossa heroína e confidenciou-lhe toda a história do ouro na quinta do seu pai. Bastante comovida, ela aumentou-lhe o salário para um dólar por mês e resolveu satisfazer, por fim, aquela sua ansiedade insaciável de aliviar a preocupação dos pais. Então, num dia ensolarado, Ermengarde voltou de carro a Hogton e chegou à quinta no momento preciso em que o morgado estava a executar a hipoteca e a mandar os seus pais embora.

«Fica vilão!» gritou ela, mostrando um molho de notas colossal. «Os teus planos foram, finalmente, arruinados! Aqui tens o teu dinheiro, agora vai e nunca mais voltas a rondar a nossa humilde porta.»

Seguiu-se depois uma reunião alegre, enquanto o morgado enrolava o seu bigode e girava o pencialim, confuso e consternado. Mas que raio? Que era aquilo? Ouviu-se um som de passos na passagem de gravilha, e quem

deveria aparecer senão o nosso herói Jack Manly, cansado e pobre, mas com um rosto radiante. Procurando de imediato o vilão abatido, perguntou-lhe:

«Morgado, será que me poderá emprestar dez dólares? É que acabei de voltar da cidade com a minha linda noiva, a formosa Bridget Goldstein, e preciso de alguma coisa para começar as coisas na velha quinta.» Então, virando-se para os Stubbs, pediu desculpa pela sua incapacidade de pagar a hipoteca, tal como tinham combinado.

«Não penses nisso» disse Ermengarde, «a prosperidade veio ter conosco, e irei considerar pagamento suficiente se te esqueceres para sempre dos devaneios tolos da nossa infância.»

Durante todo esse tempo a Sr.<sup>a</sup> Van Itty estivera sentada no carro, esperando por Ermengarde, mas ao passar, preguiçosamente, os olhos pela face magra de Hanna Stubbs uma memória vaga abriu-se-lhe no fundo da mente. Então tudo se lhe tornou claro, e ela gritou acusadoramente para a matrona agreste:

«Tu, tu, Hanna Smith! Conheço-te muito bem! Há vinte e oito anos eras a ama da minha bebé Maude e roubaste-ma do berço! Oh! Onde estará agora a minha criança?» Um pensamento assaltou-a então, como um relâmpago num céu turvo. «Ermengarde. Dizes que ela é tua filha... mas ela é minha! O destino devolveu-me a minha cre-ança... a minha pequena Maudie! Ermengarde... Maude vem aos braços carinhosos de tua mãe!!!»

Mas Ermengarde estava distraída a pensar por alto. Como podia ela safar-se com a coisa dos dezasseis anos, se tinha já sido roubada há vinte e oito? E se não era filha dos Stubbs, o ouro nunca seria dela. A Sr.<sup>a</sup> Van Itty era rica, mas o morgado Hardman era ainda mais rico. Então, aproximando-se do vilão desanimado, infligiu nele o último castigo terrível.

«Morgado, querido» murmurou ela, «reconsiderarei tudo. Amo-te a ti e à tua força ingénua. Casa comigo imediatamente ou processo-te por aquele rapto do ano passado. Executa a tua hipoteca e goza comigo o ouro que a tua esperteza descobriu. Vem querido!» E isso o que fez o pobre tolo.

FIM

## : UMA REMINISCÊNCIA DO DR. SAMUEL JOHNSON<sup>22</sup> :

*Tradução e notas de José Manuel Lopes*

O privilégio de recordar, não importa se de uma forma cansativa ou demasiado extensa, é um dos que é tolerado entre os mais idosos, pois é muitas vezes através dessas recordações que as obscuras ocorrências da História, e as anedotas mais insignificantes acerca de certas personalidades distintas são transmitidas à posteridade.

Muitos dos meus leitores observaram por vezes, ou notaram, um certo fluir antigo no meu estilo de escrita, quando, de facto, me agradou difundir desde a minha infância, entre os membros da minha geração, a ideia fictícia de que eu tinha nascido em 1890, na América. Estou, porém, revolido a tirar das minhas costas o peso do segredo que até aqui tenho preservado, por receio de que ninguém me acreditasse, e a comunicar ao público um conhecimento verdadeiro dos meus longos anos, a fim de lhe satisfazer o gosto que possa ter por informação autêntica, de uma época com cujas personalidades mais importantes eu desfrutava de uma certa familiaridade. Que se fique a saber, para que conste, que eu nasci na minha propriedade de família no Devonshire, a 10 de Agosto de 1690 (ou, de acordo com os cálculos do novo calendário gregoriano, a 20 de Agosto), tendo presentemente 228 anos. Tendo-me mudado cedo para Londres, vi, em criança, muitos dos homens célebres do reino do rei Guilherme, incluindo o saudoso Sr. Dryden, que se costumava sentar frequentemente às mesas do *Will's Coffee-House*. Mais tarde vim a conhecer muito bem o Sr. Addison e o Dr. Swift, e cheguei mesmo a ser um amigo íntimo do Sr. Pope, que conheci e respeitei até ao dia da sua morte. Todavia, dado que é sobre o meu mais recente associado, o Dr. Johnson, que de momento desejo escrever, omitirei os anos da minha juventude para me concentrar no presente.

Tive pela primeira vez conhecimento do doutor, em Maio do ano de 1738, embora por esses tempos ele ainda me não tivesse sido apresentado. O Sr. Pope acabara de completar o seu «Epílogo» às Sátiras (começando essa peça com: «Nem num espaço de duas vezes doze meses aparecerás em letra de imprensa»), e eu decidira fazer todas as diligências necessárias à sua publicação. No mesmo dia em que esse livro viu a luz do dia, também se publicou uma sátira ao estilo de Juneval, intitulada «Londres», escrita pelo então desconhecido Johnson, e esse poema surpreendeu a cidade de tal

---

<sup>22</sup> Publicado pela primeira vez com o título original «A Reminiscence of Dr. Samuel Johnson» na *United Amateur* (Setembro de 1917).

modo, que muitos cavalheiros de bom gosto chegaram mesmo a declarar que se tratava de um trabalho bem maior do que os do Sr. Pope. Apesar de tudo o que alguns detractores disseram acerca da inveja mesquinha do Sr. Pope, este acabou por elogiar os versos do seu rival e, tendo tomado conhecimento, através do Sr. Richardson, acerca da identidade do poeta, disse-me «que o Sr. Johnson em breve seria *deterré*.»

Não conheci o doutor pessoalmente, até 1763, quando ele me foi apresentado na *Mitre Tavern* pelo Sr. James Boswell, um jovem escocês de muito boas famílias e de grande conhecimento, mas de engenho limitado, cujas efusões métricas eu já revira ocasionalmente.

O Dr. Johnson, tal como o vi, era um homem gordo e corpulento, muito mal vestido e de aspecto desmazelado. Ainda me lembro que ele usava uma cabeleira desgrenhada, sem ter um nó atrás nem estar empoadada, demasiado pequena para a sua cabeça. A sua roupa era de um castanho cor de cinza, muito amachucada, e onde faltava mais do que um botão. O rosto, demasiado cheio para ser bem-parecido, estava também afectado por uma doença escrofulosa, e a sua cabeça estava sempre a balançar numa espécie de movimento convulsivo. De facto, eu fora informado acerca dessa sua enfermidade, tendo ouvido o Sr. Pope mencioná-la, após este ter procedido a alguns inquéritos sobre esse assunto.

Tendo quase setenta e três anos, ou seja, sendo dezanove anos mais velho do que o Dr. Johnson (digo doutor, embora o seu grau académico só tenha sido obtido dois anos depois), era natural que esperasse que o mesmo tivesse alguma consideração pela minha idade, logo, nunca senti dele o receio que outros chegaram a confessar. Quando lhe perguntei o que pensava sobre a favorável resenha que eu escrevera acerca do seu Dicionário, em *The Londoner*, o meu jornal periódico, ele disse-me: «Caro senhor, não me recordo de ter lido a sua resenha, e não tenho um grande interesse pelas opiniões da parte menos intelectual da Humanidade.» Tendo ficado bastante agastado com esta sua falta de civilidade por parte de uma pessoa cuja celebridade me fizera interessado pela sua aprovação, aventurei-me a responder-lhe da mesma maneira, dizendo-lhe que estava surpreendido que um cavalheiro de bom senso devesse julgar a intelectualidade de alguém cuja produção ele nunca admitira ter lido. «Ora, caro senhor» respondeu Johnson, «eu não tenho que me familiarizar com os escritos de uma pessoa para que possa ter uma noção da superficialidade das suas realizações, quando esta mo mostra com suficiente clareza ao mencionar as suas próprias produções na primeira pergunta que me coloca.» Tendo desse modo ficado amigos, conversámos sobre muitos assuntos. Quando, para concordar com ele, lhe confessei que não acreditava muito na autenticidade dos Poemas de Ossian, o Sr. Johnson retorquiu: «Isso, caro senhor, em nada



beneficia a compreensão, pois aquele perante quem toda a cidade se mostra interessada, não deverá ser uma grande descoberta para um crítico de terceira classe. Do mesmo modo, creio que o senhor poderia dizer que tem uma forte suspeição de que Milton escreveu o *Paraíso Perdido!*»

Depois disso, passei a ver Johnson frequentemente, sobretudo durante certas reuniões no CLUBE LITERÁRIO, que o doutor veio a fundar no ano seguinte, juntamente com o Sr. Burke, o orador parlamentar; o Sr. Beauclerk, um cavalheiro muito elegante; o Sr. Lagton, um homem muito religioso e capitão da Milícia; *sir* J. Reynolds, o famoso pintor; o Dr. Goldsmith, escritor de prosa e de poesia; o Dr. Nugent sogro do Sr. Burke; *sir* John Hawkins, o Sr. Anthony Charmier e eu próprio. Geralmente, reuníamos-nos uma vez por semana, às sete da noite, na *Turk's-Head* da Gerard Street, no Soho, até essa taberna ter sido vendida, e convertida numa residência privada; após o que tivemos que mudar, sucessivamente, os nossos encontros para a *Prince*, na Sackville Street, *Le Tellier's* na Dover Street e para a *Parsloe's* e para a *The Thatched House* na St. James Street. Durante esses encontros, conseguimos manter um nível apreciável de convivialidade e companheirismo, que contrastava, muito favoravelmente, com algumas das Dissensões e Interrupções que observo na imprensa literária e amadora de hoje em dia. Essa tranquilidade era ainda mais notada pois tínhamos entre nós cavalheiros com opiniões muito diferentes. Eu e o Dr. Johnson éramos *Tories* convictos, enquanto o Sr. Burke pertencia aos *Wigs*<sup>23</sup> e era contra a Guerra Americana, tendo muitos dos seus discursos acerca do assunto sido largamente publicados. O outro simpático elemento era um dos fundadores do grupo, o Sr. John Hawkins, que, desde então, já escreveu várias más representações da nossa sociedade. *Sir* John, um sujeito excêntrico, recusou-se um dia a pagar a sua parte da despesa pela ceia, pois, em sua casa, nunca ceava. Mais tarde, insultou o Sr. Burke de um modo tão intolerável, que todos nos esforçamos por lhe mostrar a nossa desaprovação, após o que ele deixou de comparecer nas nossas reuniões. Contudo, ele nunca chegou a cortar relações com o doutor, tendo sido o executor do seu testamento, embora o Sr. Boswell e outros tenham razões para questionarem a sinceridade dessa mesma relação. Outros membros do CLUBE, alguns deles mais tardios, foram o Sr. David Garrick, actor e velho amigo do Dr. Johnson; os Srs. Tho. e Jos. Warton; o Dr. Adam Smith; o Dr. Percy, autor das *Relíquias*; o Sr. Edward Gibbon, o historiador; o Dr. Burney, o músico; o Dr. Malone, o crítico; e o Sr. Boswell. Foi com grande dificuldade que o Sr. Garrick acabou por ser admitido, pois o doutor, apesar da grande amizade que tinha por ele, esforçava-se sempre por denegrir o palco e todas as coisas que com

---

<sup>23</sup> *Tories* e *Wigs* referem-se a partidos políticos.

o mesmo se relacionassem. Johnson, de facto, tinha o hábito muito peculiar de se pôr do lado do Davy quando os outros o atacavam; e de o acusar, sempre que os outros o tentavam defender. Não duvido que ele apreciase sinceramente o Sr. Garrick, pois nunca se referiu a ele como ao Sr. Foote, que era um sujeito muito grosseiro apesar do seu génio para a comicidade. O Sr. Gibbon nunca foi dos mais apreciados, pois tinha uns modos arrogantes e muito irritantes, capazes de ofenderam mesmo alguns de nós, que tanto admirávamos os seus trabalhos de História. O Sr. Goldsmith, um homem baixinho, muito vaidoso no modo de vestir e muito deficiente nas artes da conversação, era o meu favorito, dado que também eu me mostrava incapaz de discursos brilhantes. Este tinha imensos ciúmes do Dr. Johnson, se bem que gostasse dele e o respeitasse. Ainda me lembro que um dia, um estrangeiro, creio que um alemão que se encontrava entre nós, reparou, enquanto Goldsmith falava, que o doutor se estava a preparar para dizer qualquer coisa. Inconscientemente, ao olhar para Goldsmith como uma espécie de pedra que lhe obstruísse o seu caminho, quando comparado com esse grande homem, o estrangeiro interrompeu-o ostensivamente e acabou por provocar a sua ira ao declarar: «*Shash, Toctor Shonson vai falarr!*»

Nessa ilustre companhia eu era tolerado mais devido à minha idade do que ao meu engenho e aos meus conhecimentos, não estando à altura de poder desafiar nenhum dos outros. A minha amizade em relação ao célebre *monsieur* Voltaire era sempre um motivo de aborrecimento para o doutor que era muito ortodoxo, e que continuava a afirmar acerca do filósofo francês: «*Vir est acerrimi ingenii et paucarum litterarum*<sup>24</sup>.»

O Sr. Boswell, um pequeno indivíduo muito provocador que eu conhecera há já algum tempo, costumava troçar acerca dos meus modos desastrados, da minha velha cabeleira e das minhas roupas. Uma vez, tendo bebido um pouco mais do que a conta (era viciado na bebida) tentou troçar de mim através de um *impromptu* em verso<sup>25</sup> escrito no tampo da mesa, porém, não dispondo da ajuda a que ele costumava recorrer sempre que escrevia, cometeu um erro gramatical. Bem lhe disse que não deveria ser tão ligeiro quando escrevesse. Outra vez, Bozzy (como lhe costumávamos chamar) queixou-se do meu azedume em relação aos novos artigos dos escritores que eu estava a preparar para a *The Monthly Review*. Disse que eu empurrava cada aspirante a escritor pelas vertentes do Parnaso. «Caro senhor» apressei-me a responder-lhe, «está muito enganado. Os que perdem o equilíbrio, fazem-no por falta de força de vontade, porém, desejando esconder essa fraqueza, atribuem a sua ausência de sucesso ao primeiro

<sup>24</sup> Esse homem tem um acérrimo engenhoso e poucos dotes literários.

<sup>25</sup> Improvisação em verso.

crítico que os menciona.» É com alegria que recordo que o Dr. Johnson me apoiou nesta questão.

Este eminente doutor não tinha par, quando se tratava de se dar ao incómodo de rever maus versos escritos por outros. De facto, há quem diga que, no livro da pobre idosa cega, a Sr.<sup>a</sup> Williams, não se encontram duas linhas que não pertençam ao Dr. Johnson. Numa ocasião, ele recitou-me alguns versos de um criado do duque de Leeds, que o tinham divertido tanto que ele até os memorizara. São acerca do casamento do duque e, assemelham-se tanto à qualidade do trabalho de outros assassinos de poesia mais recentes, que eu não resisto em copiá-los.

Quando o duque de Leeds for casado  
Com uma bela donzela a seu lado,  
Que feliz ficará ele em seu agrado  
E perante a população de Leeds obsequiado.

Perguntei ao doutor, se ele alguma vez tentara fazer sentido dessa peça, e, logo que ele me disse que não, eu diverti-me com a seguinte emenda acerca da mesma:

Quando o galante de Leeds auspiciosamente se casar  
Esse distinto ser de vetustos antepassados sem par,  
Como a noiva cheia de vivo orgulho irá ficar  
Perante esse esposo ilustre que ela irá ganhar!

Logo que mostrei isto ao Dr. Johnson, ele disse: «Meu caro, já vejo que o pé não se encontra tão quebrado, no entanto, essas linhas não têm a menor agudeza nem qualquer tipo de poesia.»

Dar-me-ia imenso prazer comunicar algo mais acerca da minha experiência com o Dr. Johnson e o seu círculo de engenhosos amigos, mas já não sou nada novo e canso-me com facilidade. Pareço divagar, sem grande lógica ou continuidade, sempre que tento invocar o passado e sinto que me atardo em alguns incidentes que os outros nunca discutiram. Se estas minhas reminiscências obtiverem êxito, talvez eu venha a escrever mais alguns episódios acerca dos velhos tempos, dos quais sou o único sobrevivente. Lembro-me ainda de muitas coisas relacionados com Sam Johnson e o seu Clube, tendo permanecido membro do mesmo bem para lá da data da sua morte, que, sinceramente, me encheu de desgosto. Ainda recordo de que modo o morgado John Burgoyne, o general, cujos trabalhos dramáticos e poéticos vieram a ser publicados postumamente, foi recusado por três votos, talvez devido à sua infeliz derrota na Guerra Americana, em

Saratoga. Pobre John! Creio que o seu filho foi mais bem-sucedido e veio a adquirir o título de baronete. Mas estou demasiado fatigado. Já sou velho, muito velho, e já são horas para a minha sesta da tarde.